

A
DISTINÇÃO
ENTRE
DIREITA E ESQUERDA
NA ATUALIDADE



— — — — —
CARLOS SANTIAGO
— — — — —
2026

COPYRIGHT © Carlos Santiago, 2026

COPYRIGHT © Isabelle Oliveira, 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santiago, Carlos

A distinção entre direita e esquerda na
atualidade [livro eletrônico] / Carlos Santiago. --
Manaus, AM : Ed. do Autor, 2026.
ePub

Bibliografia

ISBN 978-65-02-34069-1

1. Ciência política 2. Direita e esquerda
(Ciência política) 3. Igualdade social - Brasil
I. Título.

26-392232.0

CDD-324.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Direita e esquerda : Ciência política 324.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

AGRADECIMENTOS DO AUTOR



Em momentos difíceis de uma vida de tormentos emotivos, de sede e de fome, agradeço a Maria Irene da Silva Pires e Marinilde Verçosa Ferreira Santiago – mãezinha querida e minha iluminada esposa –, que seguraram em minhas mãos e me deram água, comida e afeto para que a travessia dessa nossa existência fosse palatável. Assim, só tenho amor e gratidão para oferecer a elas.

Aos docentes do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e colegas discentes que compartilharam da convivência fraterna e dialética, o meu muito obrigado. Gostaria, ainda, de desejar boas leituras, dias melhores e felicidades. Agradeço, também, aos milhões de brasileiros e brasileiras que nunca frequentaram um curso superior em instituições públicas, apesar de contribuírem com tributos para a manutenção e ampliação das mesmas. Espero que um dia o povo, somente o povo, mude essa realidade. Para finalizar com sentimentos de esperança e alegria, sublinho o professor José Alcimar de Oliveira e a professora Verrah Chamma pela paciência e orientação acadêmica. Destaco a importância do professor Aldair Oliveira de Andrade pela composição da banca de avaliação da nossa proposta. Um grande abraço de Sofia a todos!

Carlos Santiago

*Sociólogo, Cientista Político,
Licenciado em Filosofia e Advogado.*

RESUMO

Este texto é o resultado de uma monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no qual se faz a distinção entre esquerda e direita a partir da concepção de desigualdade-igualdade social que consta na obra de Norberto Bobbio (1995), bem como a influência dessa distinção nos textos de autores contemporâneos que tratam dessa díade política. Bobbio escolheu a igualdade social e a desigualdade social como valores que reforçam o espectro esquerda-direita e promovem suas distinções, com a assertiva de que a esquerda tem a igualdade social como incessante busca nas ações políticas e nos programas de gestão; enquanto a direita reconhece a diversidade da condição humana, não preza pela igualdade social e defende a desigualdade como fenômeno natural. A hipótese é que a apreensão da dicotomia esquerda-direita requer uma reflexão da filosofia, da sociologia e da ciência política, uma vez que os significados dessa distinção não são lineares, a-históricos e nem somente se expressam por meio de estudos de narrativas binárias. A condução da leitura concisa e profunda dos textos filosóficos recebe contribuição de Severino (2009) e na elaboração de redação dissertativa sensata e contou com os ensinamentos de Folscheid e Wunenburger (2006), quando apontam que o texto filosófico é um exercício de pensamento para a tomada de decisão sobre o tema proposto, com consistências e nexos. O resultado é que o enfoque de Bobbio foi importante nas obras de autores contemporâneos como Emir Sader, Ruy Fausto, Bresser-Pereira, Anthony Giddens, Chantal Mouffe e Susan Neiman que trabalham abordagens diversas, com metodologias diferentes, mas ressaltam a contribuição de Bobbio na forma direta ou indireta em seus textos.

Palavras-chave: esquerda; direita; igualdade social.

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	16
1. A DISTINÇÃO ENTRE DIREITA – ESQUERDA EM NORBERTO BOBBIO.25	
1.1. O caminho analítico percorrido por Norberto Bobbio para a sua distinção entre direita-esquerda	26
1.2. A persistência da díade esquerda-direita e de outras denominações	27
1.3. Em busca de critério para distinção entre esquerda-direita.....	31
1.4. Igualdade-desigualdade social como ideia central da distinção de esquerda-direita 36	
2. OS SIGNIFICADOS DE ESQUERDA-DIREITA NAS OBRAS DE PENSADORES CONTEMPORÂNEOS	43
2.1. Igualdade social e neoliberalismo como elementos centrais da dicotomia esquerda-direita no texto da obra de Emir Sader.....	44
2.2. Igualdade social na proposta de ordem e justiça social na pesquisa de Bresser-Pereira para expressar a clivagem esquerda-direita.....	48
2.3. Igualdade social como relevância na proposta de Terceira Via de Anthony Giddens	52
2.4. Igualdade social e antitotalitarismo-totalitarismo-consumismo -ecossocialismo como abordagens nucleares para distinção esquerda-direita na obra de Ruy Fausto	56
2.5. Igualdade social e esquerda-direita nas análises do populismo de Chantal Mouffe e do identitarismo de Susam Neiman.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS.....	71

*Não há nada mais ideológico do que afirmar
que as ideologias estão em crise.*

Norberto Bobbio, filósofo.

APRESENTAÇÃO

Verrah Chamma*



Carlos Santiago assumiu a tarefa, em seu pequeno mas potente ensaio sobre os sentidos de esquerda e direita no debate político contemporâneo, de trazer ao público o que há de mais atual na discussão sobre o tema, tendo como fio condutor o problema da igualdade social, como o fez o jurista e filósofo político italiano Norberto Bobbio, em sua obra clássica *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, principal referência de Santiago em seu escrito. Bobbio, como muito bem mostra Santiago, entende que, enquanto a esquerda defende a ideia de igualdade natural entre os indivíduos, ou pelo menos a instauração de uma igualdade social mais substantiva, que vá além da igualdade perante a lei, a direita aceita justamente o oposto, a saber, a desigualdade natural entre os humanos, de tal modo que seria impossível, e talvez mesmo indesejável, eliminá-la.

É da maior importância esse esforço de propor uma distinção entre esquerda e direita bem como o significado de cada um desses lados no espectro político em um século tão veloz e cheio de transformações como o séc. XXI. As polarizações cada vez mais acirradas que vemos nas democracias recolocaram a questão na ordem do dia do debate público. E Carlos Santiago não se furta a enfrentá-la. Pelo contrário, seu estudo combina as contribuições da filosofia, da sociologia e da ciência política para melhor compreender e delinear essa distinção nos dias de hoje, sempre com o olhar fixo na história, que é o terreno onde esses dois lados se expressam de maneira mais visível.

* Doutora em Teoria Política pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

O autor aponta, com razão, que a tentativa de estabelecer uma Terceira Via nos anos 1990, ou algo como uma alternativa tanto ao capitalismo desregulamentado (tanto do ponto de vista das relações comerciais, como do ponto de vista do sistema financeiro) defendido pela direita, como uma forte atuação do Estado sobre o mercado, como propunha a esquerda, não foi adiante, nem como teoria política, nem como forma de exercício da própria política. Como nos mostra Santiago, a partir de Bobbio, o espectro político do centro, quando existe, também gravita em torno da díade direita e esquerda, de tal modo que essa divisão polar continua a organizar as forças e movimentos políticos. Mas a Terceira Via, que tinha no sociólogo inglês Anthony Giddens o seu principal ideólogo, não pretendia exatamente ser o centro. Na verdade, ela imaginava superar as fragilidades tanto das experiências governamentais de direita como as de esquerda. A Terceira Via preconizava agregar o que de melhor houvesse tanto no socialismo como no liberalismo, indo além deles, a partir de uma suposta constatação de que tanto as ideologias de esquerda como as de direita teriam fracassado no séc. XX. Assim, a Terceira Via, como nos mostra Santiago, defendia menor presença do Estado na economia, mas salvaguardava àquele o direito de regulamentação desta. Ou ainda, a Terceira Via propunha a igualdade social, a proteção dos cidadãos mais vulneráveis, mas com uma economia de livre mercado. Giddens, ainda conforme nos mostra Santiago, entende que direita e esquerda não desapareceram, enquanto portadoras de determinados valores políticos. Mas se, por um lado, direita e esquerda de fato não desapareceram, por outro, a proposta de Terceira Via nunca foi bem-sucedida, nem no campo da teoria, nem da prática, com governos como os de Tony Blair no Reino Unido e de Bill Clinton nos Estados Unidos. E eis que a dicotomia entre esquerda e direita ressurge hoje, no séc. XXI, talvez tão forte como quando surgiu, durante a primeira fase da Revolução Francesa, quando montanheses e girondinos defendiam posições e políticas distintas para o país.

Um conjunto de importantes pensadores são mobilizados por Carlos Santiago na tentativa de mostrar o que seria característico de cada lado do espectro político: Jorge Castañeda, Emir Sader, Ruy Fausto, Luiz Carlos Bresser-Pereira, Anthony Giddens, Chantal Mouffe e Susan Neiman. Em que pese suas particularidades, a esquerda é, em geral, associada à defesa do Estado como agente promotor do desenvolvimento econômico e social, ou, nas palavras de Sader e Bresser-Pereira, de justiça social, e de uma cidadania mais ampla, enquanto a direita está ligada a políticas de ajuste fiscal e redução de investimentos públicos em políticas sociais, o que levaria ao aumento da pobreza e da desigualdade social, sendo, no limite, uma ameaça à própria democracia liberal. Em uma palavra, a direita entende que as forças de mercado devem ser deixadas livres, sem regulamentação ou interferências vindas do Estado ou da sociedade e portanto, a liberdade econômica seria mais importante que a liberdade política, esta última, uma bandeira prioritariamente da esquerda, que se coloca mais favoravelmente à expansão das instâncias de participação popular nas decisões públicas, sem falar na busca por mais igualdade social. Mais recentemente, após o fim da antiga União Soviética e a queda do muro de Berlim, a esquerda passa a se identificar com o fim das opressões (econômicas, sociais, raciais, de gênero, etc.) enquanto a direita, de um modo geral, teria caminhado para o reacionarismo, defendendo o passado e a tradição. Apesar das mudanças de conteúdo e de sentido ao longo dos anos e das circunstâncias históricas, Santiago reconhece que a oposição entre direita e esquerda permanece na teoria e na prática política.

O autor mais original trazido por Santiago é, possivelmente, Ruy Fausto, que no seu longo e complexo escrito "Esquerda/Direita: Em busca dos fundamentos, e reflexões críticas", hoje infelizmente não mais disponível na internet, mais precisamente, na revista acadêmica Fevereiro, interpreta a esquerda não só a partir dos valores da igualdade e da liberdade, mas, e sobretudo, a partir do binômio violência/não violência. O uso da violência, particularmente no período do Terror da Revolução Francesa, foi justificado como meio para defender a igualdade política. E o

mesmo se deu na Revolução Russa de 1917, agora visando também a uma igualdade material. Sendo assim, a esquerda começa com um “evento fundador negativo”, que é o uso da violência generalizada contra os opositores, com o fim de estabelecer a igualdade. Mas, como afirma Fausto, em passagem reproduzida por Santiago, a violência acaba atuando na legitimação da restrição da liberdade. Talvez por isso, pelo uso indiscriminado de uma violência que nem promoveu a igualdade nem assegurou a liberdade, tanto no Terror durante a Revolução Francesa, como durante a Revolução Russa e sob Stalin, é que a maior parte da esquerda atual não defende mais uma saída pela revolução. Como veremos logo a seguir, nem toda esquerda é ou foi revolucionária. Na verdade, a reivindicação de revolução, hoje, está no colo da extrema-direita, com a destruição das instituições e do modelo de política existentes.

Se o mundo girou à direita a partir dos anos 1990, com o fim do socialismo realmente existente e o progressivo desmonte do Estado de bem-estar social em países da Europa, coube à esquerda a difícil tarefa de pensar uma nova sociedade, em novos moldes, mas que não abrisse mão de valores como a igualdade substantiva (para além da igualdade formal, segundo a lei), a liberdade e a solidariedade. Mas se a esquerda pragmática e partidária retirou do seu horizonte a revolução, sendo a maior defensora das instituições democrático-liberais, a direita caminhou para o extremo, sendo fagocitada pela extrema-direita. Hoje, é essa extrema-direita, que caminha de mãos dadas com o neoliberalismo, que propõe uma ruptura com a ordem liberal existente, e, conseqüentemente, com seu modelo de democracia, “capturando sentimentos de desesperança”, como bem nos aponta Santiago a partir da socióloga Esther Solano. É curioso que Bresser-Pereira, outro pensador mobilizado por Santiago, entenda que a manutenção da ordem seja o valor central da direita. Isso pode ter valido após a Segunda Guerra Mundial até o final do séc. XX, mas certamente não vale mais nos dias de hoje, em que a direita, como já dito, engolida pela extrema-direita, é o lado do espectro político que tem aspirações revolucionárias, ou contrarrevolucionárias, se preferirem. Giddens, como

bem aponta Santiago, já antevia, no final do séc. XX, o renascimento da extrema-direita, que se colocava contra a globalização, os imigrantes, e mesmo contra certos direitos das mulheres. Mas, para o sociólogo inglês, a extrema-direita surgiria do fracasso da direita liberal, e não do seu sucesso e consequente radicalização. Vale registrar, no entanto, que os espectros de direita e esquerda podem ser (e foram, na história) tanto moderados como extremistas.

Santiago destaca muito bem, novamente a partir de Bobbio, que outros atores políticos surgiram a partir da segunda metade do século passado, como os verdes e suas reivindicações relacionadas à questão ecológica/climática, e as mulheres e suas demandas por mais direitos, mas também estes grupos não superaram a divisão entre esquerda e direita, nem foram capazes de conciliar os dois espectros políticos. Assim como a religião, haja vista que existe tanto uma esquerda como uma direita ligadas a interpretações distintas do Cristianismo, do mesmo modo que existem uma direita e uma esquerda ateias, ou, pelo menos, não religiosas. No que diz respeito particularmente à urgência climática e à questão ecológica, Santiago nos traz também Ruy Fausto, que mostra que enquanto a esquerda teria maior preocupação com o meio ambiente e sua preservação, a direita ainda defenderia um modelo “produtivista”.

Por fim, Santiago nos brinda com duas importantes autoras contemporâneas, Chantal Mouffe e Susan Neiman. Mouffe propõe que ressignifiquemos o sentido de esquerda, e para isso, ela defende o retorno do político (não o indivíduo, mas aquilo que é próprio da política) para o centro do debate público, por meio do que ela chama de um populismo de esquerda, como forma de promover a liberdade, a soberania popular, a igualdade e a justiça social. Do outro lado, ela entende que há um populismo de direita, pouco preocupado com essa coletividade a que chamamos de povo, mas que do mesmo modo o mobiliza e fala em seu nome. O populismo de direita retomaria, mais uma vez, a defesa da desigualdade, colocando os nacionais em condição de superioridade relativamente aos imigrantes e estrangeiros. Neiman, por sua vez, na

contramão do que pensa nosso senso comum, identifica a direita com as pautas identitárias, ou o tribalismo, como ela chama, excluindo aqueles que têm raça, religião, origem, etc. distinta. Isso porque, como nos mostra Santiago, Neiman entende que a direita está ligada a valores como o nacionalismo, o racismo, e a todas as formas de preconceito de origem, de gênero, e de raça. Já a esquerda, filha que seria do Iluminismo, abraçaria o universalismo, ou seja, a solidariedade e a defesa de todos aqueles que sofrem qualquer tipo de opressão. Em suma, a esquerda se colocaria como favorável à ampliação dos mais diversos direitos.

Eis que Santiago nos apresenta um vasto quadro da discussão sobre os sentidos de direita e esquerda na teoria política contemporânea. Um estudo muito importante para todos aqueles que ouvem falar dessa dicotomia ideológica, mas não sabem ao certo o que ela significa, nem as suas múltiplas possibilidades de interpretação. Santiago mapeia aquilo que há de melhor na discussão atual sobre o tema e brinda seu leitor com seu ensaio. Uma leitura imperdível.

Manaus, julho de 2026.

INTRODUÇÃO

Nos países declarados de regime democrático existem embates sociais, midiáticos, econômicos e eleitorais envolvendo o espectro político esquerda-direita, o que não é novidade nem para a história da sociedade contemporânea, nem para os espaços de produção acadêmica e científica e de comunicação jornalística, levando ao desafio de apreender essa questão em face do cenário de grandes transformações nas últimas décadas.

No contexto histórico atual, numa modernidade em que Bauman (2001) denomina de “líquida”¹, não existe nada sólido, tudo se dissolve com fluidez, com as novas formas de relacionamentos, com os novos modelos de participação da população no regime democrático, com os avanços das tecnologias da informação modernas, com a revolução no processo produtivo e no mundo das relações de trabalho, com os conflitos e harmonias entre culturas, com o pluralismo partidário, com o surgimento de líderes populares, que crescem por meio da internet, além da massificação da comunicação digital que traz desafios para explicar o significado e a distinção entre direita e esquerda nas primeiras décadas do século XXI.

A história mostra que em 1789, na Assembleia Constituinte da França, a questão já não era somente a localização das cadeiras à direita ou à esquerda, mas também posições distintas expressadas nas votações e nos discursos em que representantes da burguesia abastada sentados à direita defendiam a propriedade e a liberdade econômica com poucas mudanças sociais, políticas e a manutenção de poderes da monarquia, como os girondinos; enquanto os que se sentavam à esquerda representavam a burguesia média e as classes populares e buscavam mudanças

¹ Zygmunt Bauman (2001) credita aos autores do Manifesto Comunista de 1848, Karl Marx e Friedrich Engels, a tradução de um espírito moderno que derrete os sólidos, o tradicional, visto que eles observavam que com o novo modelo de produção “tudo que era sólido se desmancha no ar, tudo que era sagrado é profano” (ENGELS, Friedrich; MARX, Karl, 2006, p. 36).

significativas, como fundar uma “república no bem comum e no interesse coletivo, por sentirem-se excluídos, subjugados” (Sader, 1995, p. 25).

A dicotomia política atravessou os séculos XIX e XX, passando por duas grandes guerras mundiais, pela libertação de países e de povos de sangrenta colonização europeia, pelo surgimento e fim de estados com regimes autoritários e totalitários, de esquerda e de direita, e sobreviveu ao término da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e à queda do muro de Berlim, em 1989, chegando aos dias atuais como oposições políticas (Fausto, 2011, p. 36). E, de forma mais intensa, nas décadas de 70, 80 e 90, quando mudaram, novamente, motivados por uma nova economia e redefinição do papel do Estado, visto que “os conceitos do que é esquerda e direita, do que é novo e do que é velho, mudam histórica e geograficamente” (Bresser-Pereira, 2000, p. 144).

Entretanto, existiram manifestações partidárias, defesas de governantes de países capitalistas desenvolvidos e em desenvolvimento, apoio de intelectuais das ciências sociais e da literatura, alimentando uma ideia de Terceira Via política, nos primeiros anos da década de 1990, a fim de superar a dualidade tradicional de direita-esquerda, que nas décadas anteriores representava contraposições entre o neoliberalismo, com destaque para o mercado, e o socialismo com forte presença do Estado e no planejamento econômico (Giddens, 2007). Apesar disso, a Terceira Via não superou essa dicotomia.

Embora tenha havido reuniões envolvendo tanto o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, o presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, o brasileiro Fernando Henrique Cardoso, além de outras lideranças políticas globais, a Terceira Via ou a nova social-democracia teve vida curta, dado que não avançou entre os partidos, os intelectuais e as lideranças governamentais, ficando restrita ao momento histórico, não superando a dualidade esquerda-direita que, hoje, no início do século XXI, está robusta nos confrontos eleitorais e nos debates públicos.

Pensadores de diferentes áreas do conhecimento vêm empreendendo esforços para explicar razões e significados que envolvam a dualidade entre

esquerda-direita na contemporaneidade. Bobbio (1909-2004)², por exemplo, diante do desfecho dos últimos regimes autoritários da Europa, a saber, o franquismo na Espanha e o salazarismo em Portugal, e pós-queda do muro de Berlin, busca explicar razões e significados de esquerda e de direita utilizando uma metodologia analítica, ao examinar trabalhos acadêmicos, fatos históricos, materiais jornalísticos e conceitos de liberdade, democracia, conservadorismo, progressistas e de igualdade, para definir um modelo ideal capaz de expor as razões e significados dessa dualidade.

Bobbio escolheu a igualdade social e a desigualdade social como valores que reforçam o espectro esquerda-direita e promovem suas distinções, com a assertiva de que a esquerda tem a igualdade social como incessante busca nas ações políticas e nos programas de gestão; enquanto a direita não preza pela igualdade e defende a desigualdade como fenômeno natural. Ele, então, adverte:

[...] os dois opostos alinhamentos que nos habituamos, por longa tradição, a chamar de esquerda e direita. De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais. [...] O igualitário parte da convicção de que a maior parte das desigualdades que o indignam, e que gostaria de fazer desaparecer, são sociais e, enquanto tal, elimináveis; o desigualitário, ao contrário, parte de convicção oposta, de que as desigualdades são naturais e, enquanto tal, inelimináveis (Bobbio, 1995, p. 105).

E, na realidade das disputas de poder com doutrinas e ações políticas entre a díade, Bobbio constrói tipos ideais de esquerda e de direita, com seus extremos e moderações, levando em consideração a igualdade e a liberdade como valores norteadores, destacando que não é fácil, por conta

² Professor de Direito e de Filosofia da Universidade de Turim, senador vitalício (1984-2001), historiador do pensamento político e filosófico, além de autor de várias obras nas áreas do Direito e da Filosofia política, entre elas: "Teoria das Formas de Governo" (1976), "Qual Socialismo?" (1976), "As Ideologias e o Poder em Crise" (1981), "O Futuro da Democracia" (1986) e "Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política" (1994).

da dinâmica da política e de fatores históricos, determinar exatidões, mas é possível sintetizar os quatro tipos que ele traduz em seus estudos:

- a) na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de ter se tornado uma abstrata categoria aplicável e, efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;
- b) no centro-esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, para os quais podemos empregar hoje a expressão socialismo liberal, nela compreendendo todos os partidos social-democratas em que pesem suas diferentes práxis políticas;
- c) no centro-direita, doutrinas e movimentos simultâneos libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidos conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal da igualdade, se prendem à igualdade da lei, que implica unicamente o dever, por parte do juiz, de aplicar imparcialmente as leis; e à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo;
- d) na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberais e anti-igualitários [*sic*], dos quais creio ser supérfluo indicar exemplos históricos bem conhecidos, como o fascismo e o nazismo (Bobbio, 1995, p.119).

Bobbio (1995) reforça que as desigualdades entre os homens são mais expressivas nos países pobres, onde a miséria é maior, e são exemplos de condições insuportáveis de inigualitarismos ao reafirmar sua tese na qual diferencia a esquerda da direita no atual contexto histórico, político e filosófico.

No início dos anos 90 do século passado, dentro de um panorama político e filosófico da polarização ideológica entre os partidários da esquerda e da direita, na América Latina, assim como o reflexo da demolição do muro de Berlin e do fim do socialismo real e da guerra fria, Castañeda (1994) mostrava também a repercussão na realidade política

da região com a dicotomia esquerda-direita, sendo que as desigualdades sociais profundas devem estar no centro do embate.

Hoje, a pobreza, a injustiça e as arquetípicas disparidades sociais, bem como a sufocante violência cotidiana, ressurgem outra vez como realidades indiscutíveis e insuportáveis [...] o hemisfério é demasiado pobre e diferente do Ocidente para incorporar-se ao mundo pós-moderno e pós-esquerda-direita (Castañeda, 1994, p. 20).

Castañeda analisa a supressão econômica do Estado do bem-estar social e a hegemonia do neoliberalismo como modelo econômico e político nas pautas governamentais e nas siglas partidárias favoráveis à diminuição do Estado ao livre mercado, ao equilíbrio fiscal, ao baixo investimento em políticas sociais e à supervalorização do mercado, contribuindo assim para o aumento da pobreza e da desigualdade social; não obstante, previu que no embate entre os contrários e os defensores do neoliberalismo esses últimos seriam vencidos, visto que o neoliberalismo fracassou. O dualismo direita-esquerda seria o embate entre posições opostas, sendo a direita defensora do neoliberalismo, e a esquerda uma antagonista.

De outro modo, Sader (1995) apresenta uma definição de esquerda e direita no Brasil, numa contextualização histórica e programática. O Estado como mola propulsora do desenvolvimento econômico e social, com cidadania e contra a desigualdade, sendo amparado pelo ideário de esquerda, que deve se contrapor aos postulados do neoliberalismo; e as políticas neoliberais como o refúgio histórico e eleitoral da direita brasileira.

Avaliando o momento político e econômico dos anos 90, Sader contesta afirmações da época sobre o fim da dicotomia e a vitória do espectro de direita, a partir da constatação do desaparecimento do socialismo real e da força dos valores neoliberais no mundo capitalista. No Brasil, um país com desigualdades sociais, conservador e elitista, a direita não quer ser identificada com esses atributos, mas representa tudo isso. Ele afirma que:

O neoliberalismo, como proposta de reorganização da sociedade em função do livre mercado, deixa entregue ao espírito mercantilista os direitos à saúde, à educação, à vida, enfim. Representa a versão moderna das ideologias que alimentam a perpetuação do poder das elites e das mentalidades conservadoras e *antidemocráticas* (Sader, 1995, p. 193).

Cabe à esquerda, no mundo de hoje, “concretizar uma nova sociedade”, no regime democrático, com lutas a favor da inclusão social, da cidadania, da justiça social, solidariedade, como a herdeira da Revolução Francesa e, de fato, tornar realidade a liberdade, a igualdade e a fraternidade, indo além de leis que não são efetivadas (Sader, 1995).

Nesse contexto, Norberto Bobbio (1995), Castañeda (1994) e Sader (1995) tiveram suas pesquisas publicadas ou traduzidas para o português no início dos anos 90. Um período de muito pessimismo para os partidários da esquerda. Fim do socialismo real, queda do muro de Berlin e a força política e econômica do neoliberalismo alimentaram esse sentimento.

Bobbio tratou de fortalecer essa díade, sendo o elemento polar a desigualdade social. Castañeda usou o modelo econômico do neoliberalismo e a desigualdade como constatação de valores e ações políticas que distanciam a direita do espectro esquerda; Sader usou a história do Brasil como divisor de interesses e de promoção de desigualdades sociais, exclusão social, elitismo e dos modelos econômicos de exploração da mão de obra do capital e, em especial, afirmou que a defesa do neoliberalismo é o grande diferencial entre os campos opostos entre esquerda-direita.

As primeiras décadas do início do século XXI são marcadas ainda mais pelo fortalecimento de movimentos políticos da clivagem esquerda-direita, levando a uma divisão política nos países da Europa e da América Latina. Nas últimas eleições presidenciais e parlamentares no Brasil, Chile, Argentina, Colômbia, Espanha, Portugal, Itália, Hungria e na Polônia, uma parcela majoritária do eleitorado se mobilizou para a disputa dos pleitos em que os partidários da esquerda e da direita polarizaram, levando a uma divisão política nesses países. Inclusive, com candidatos de extrema direita

vencendo eleições com discursos de renovação, capturando sentimentos de desesperança (Solano, 2019).

Um exemplo da força revigorada da díade é o caso brasileiro. Nas eleições gerais de 2018, o candidato declarado de direita, Jair Bolsonaro, do PSL, venceu o pleito presidencial por 55,13% dos votos válidos, em segundo turno, contra o petista Fernando Haddad que alcançou 44,87%, representante de uma coligação de partidos de esquerda. Em 2022, essa disputa ficou mais acentuada. Lula da Silva, candidato de uma grande frente de esquerda, venceu o concorrente direitista Jair Bolsonaro por 50,90%, contra 49,10%, tornando-se a eleição mais disputada do país (TSE, 2022).

Nessa conjuntura, este estudo busca refletir sobre os significados da díade esquerda-direita na atualidade. A questão norteadora que preside esta pesquisa consiste na distinção, a partir da ideia de igualdade-desigualdade social, formulada por Norberto Bobbio (1995). Ou seja, é possível diferenciar esquerda-direita na atualidade? Busco a resposta numa perspectiva dialógica entre textos de pensadores contemporâneos da Ciência Política, da Sociologia e da Filosofia, que discutem o tema em diferentes abordagens, como Norberto Bobbio (1995), Emir Sader (1995), Ruy Fausto (2011-2012), Bresser-Pereira (2000-2005), Anthony Giddens (2007), Chantal Mouffe (2018) e Susan Neiman (2023) que discorrem sobre a temática em perspectivas diversas como na filosofia política, na histórica, na ecologia, nos estudos da economia, na sociologia política, no populismo e no movimento do Identitarismo.

O objetivo geral deste trabalho busca analisar o significado acerca da dicotomia esquerda e direita a partir da ideia de igualdade-desigualdade social, utilizada por Norberto Bobbio, bem como a influência de igualdade-desigualdade social nos textos de autores contemporâneos que tratam dessa oposição esquerda-direita. Nesse sentido, especificamente, busca-se:

I) examinar a distinção de esquerda e direita na obra de Norberto Bobbio a partir da diferenciação igualdade-desigualdade social e;

II) identificar se a ideia que distingue esquerda-direita, trazida por Bobbio, foi recepcionada por autores que buscam também considerar essa

dicotomia política, principalmente, a partir da década de 1990 e no início do século XXI.

A hipótese que se tem previamente é que a apreensão da dicotomia esquerda-direita requer uma reflexão da filosofia, da sociologia e da ciência política, uma vez que os significados dessa distinção não são lineares, a-históricos e nem somente se expressam por meio de estudos de narrativas binárias, porque o fortalecimento ou enfraquecimento dessa díade, bem como os seus significados, dependem de fatores históricos e culturais no ambiente internacional de cada país, como tem sido ressaltado por vários estudiosos, mas essa distinção ainda envolve os valores igualdade-desigualdade social trazida por Norberto Bobbio, e também o enfoque importante nas obras de autores contemporâneos, como os referidos anteriormente.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem qualitativa com aporte teórico-metodológico de autores da filosofia, ciência política e sociologia. A pesquisa adequada é a bibliográfica, visto que as obras escolhidas e estudadas vêm de leituras interpretativas e escritas explicativas, comentadas e dissertativas dos textos filosóficos e da ciência política, a partir de seus elementos constitutivos e estabelecendo conexões, elos e mediações com os conceitos postulados por autores e por cada obra analisada (Russ, 2010, p. 21).

A condução da leitura concisa e profunda dos textos filosóficos recebe contribuição de Severino (2009) e na elaboração de redação dissertativa sensata e inteligível que contou com o ensinamento de Folscheid e Wunenburger (2006) quando apontam que o texto filosófico é um exercício de pensamento para tomada de decisão sobre o tema proposto, com consistências e nexos. Bobbio (1995) indicou o caminho do método analítico e dialógico, que destaca os tipos abstratos, sendo árido para quem, como eu, sempre privilegiou o método histórico.

A motivação para escolha deste tema tem origem na minha experiência profissional como analista político que, há 30 anos, tenho dedicado aos estudos da política. A pesquisa se faz relevante, posto que o

tema é atual no campo das ciências sociais, filosofia, entre militantes políticos e pesquisadores com formação acadêmica em diferentes áreas do conhecimento e que estão debatendo a díade esquerda-direita dentro de abordagens identitárias, ecológica, democrática e de ordem da justiça social.

Este trabalho está estruturado em quatro secções. A introdução, que apresenta a temática da pesquisa e os teóricos que contribuem para investigação e reflexão do estudo. O capítulo I, que distingue esquerda-direita na perspectiva de Bobbio - com a construção e explicação de sua tese. O capítulo II, que buscou refletir sobre os significados do termo esquerda-direita na visão de pensadores da contemporaneidade que debatem a partir de manifestações diversas no campo da política, filosofia e ciências sociais. E, por fim, as considerações finais que apontam para a aplicação da igualdade social por Norberto Bobbio e outros autores em obras com abordagens temáticas diversas e com metodologias bem distantes da utilizada pelo filósofo italiano, apesar da igualdade social ser recepcionada por todos, mesmo no trabalho de quem não cita diretamente Bobbio.

**1. A DISTINÇÃO ENTRE DIREITA – ESQUERDA EM
NORBERTO BOBBIO**

1.1. O caminho analítico percorrido por Norberto Bobbio para a sua distinção entre direita-esquerda

Norberto Bobbio (1909-2004) foi um dos pensadores e políticos mais influentes do século XX, visto que a sua produção intelectual nas áreas da Filosofia, do Direito e da Ciência Política receberam uma dimensão global com leituras no mundo acadêmico e nos movimentos da sociedade civil e impactou as organizações partidárias e debates eleitorais de militantes políticos e de doutrinadores que estudam os grandes desafios do último século e de seus reflexos nas doutrinas do Direito e nas ideologias políticas.

Na obra *"Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política"*, Bobbio (1995) lança luz ao debate sobre o uso do método analítico e do olhar diádico na política para construir um tipo ideal que responda qual o conceito polar que move e distingue o ideário da esquerda do postulado pela direita diante de um mundo multipolar.

Usando o princípio da não contradição e do terceiro excluído de Aristóteles, ele entende que o contraste de ideologias que move pensamento e ações políticas, há dois séculos, com posições opostas, são excludentes, posto que "nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser, simultaneamente, de esquerda e de direita" (Bobbio, 1995, p. 31). E também são exaustivos, pois a posição política ou doutrina pode ser apenas ou de esquerda ou de direita.

Embora tenha a dimensão complexa do mundo, Bobbio utiliza o método diádico para pensar a política por meio de díade, uma vez que as dicotomias já estão nos saberes e nas ciências, como forma de explicar diversos fenômenos da vida social, "como em sociologia: sociedade-comunidade; em economia, mercado-plano; em direito, privado-público; em estética, clássico-romântico; em filosofia, transcendência-imanência. Na política, direita-esquerda" (Bobbio, 1995, p. 32).

O referido autor esclarece que há díades de dois tipos: as antagônicas e outras em que os duetos são complementares. A primeira, parte do princípio em que um universo é composto por entes opostos, enquanto a segunda compreende um universo conciliador em que os entes são

convergentes para formar uma unidade superior: não existem contradições e cada parte é incompleta. Como se trata de posições contrárias, a díade esquerda-direita se encaixa no primeiro tipo, visto que nunca se unem, e nem uma anula a existência da outra. “No primeiro caso, a passagem ocorre por síntese dialética, ou negação da negação; no segundo, por composição” (Bobbio, 1995, p. 32).

O caminho trazido por Bobbio é o da análise conceitual, com construção de um tipo ideal ou tipos de ideais, porque seria mais familiar para o autor, e indica ser árido para outros pesquisadores, apesar de ele aceitar as críticas de autores que trabalham com o método histórico e de acreditar que os dois métodos não são incompatíveis e – em algumas circunstâncias –, os modos se integram reciprocamente. O filósofo adverte que:

Quem trabalha com o método analítico nunca pode esquecer que a realidade é bem mais rica do que as tipologias abstratas, que devem ser continuamente revistas para dar conta dos novos dados ou novas interpretações dos dados já conhecidos. Mas o historiador também deve se dar conta de que, para compreender, descrever e ordenar a realidade de fato revelada pelos documentos, não pode abrir mão de conceitos abstratos, cujo significado, saiba ou não saiba, lhe é fornecido pelos fanáticos da análise (Bobbio, 1995, p. 15).

E conclui reafirmando aos críticos que o único caminho capaz de construir uma negação ao critério que ele construiu para a distinção de esquerda-direita deve ser por via refutação ou substituição por outro critério, mas sem mudar o método analítico, dado que é o caminho possível diante do desafio de redefinir o critério para entender a díade esquerda-direita. Em outras palavras, o método analítico³ é o mais recomendável para alcançar a distinção de esquerda e direita por meio de estudo diádico da política.

1.2. A persistência da díade esquerda-direita e de outras denominações

A falsa ideia de que a dicotomia esquerda-direita está em crise, depois de dois séculos, e que não justifica mais o seu uso dentro de uma

³ O método analítico de Bobbio busca em seus estudos análises rigorosas, distinções, relações e detalhamento de conceitos para alcançar os seus objetivos.

abordagem política, dado que representa somente uma “caixa vazia”, no mundo em que as ideologias passam por declínios, ou pelo motivo de que já teria sido substituída pela clivagem progressistas-conservadores, são aspectos com os quais o filósofo italiano não concorda. O seu entendimento tem uma avaliação inversa, visto que “as ideologias não deixaram de existir e estão, ao contrário, mais vivas do que nunca [...] e não há nada mais ideológico do que afirmar que as ideologias estão em crise” (Bobbio, 1995, p. 33). Nesse sentido, esquerda e direita representam posições ideológicas com significados e ações, com postulações políticas e programas governamentais com posições contrapostas, envolvendo interesses e valorações. E essa dicotomia segue atual.

Outra ideia defendida por Bobbio é de que a díade e seus contrastes existem mesmo em sistema democrático complexo, diferente da postura dos que entendem que nas grandes sociedades complexas, devido à dinâmica política que envolve composições e contraposições – tornando possíveis as mais variadas combinações eleitorais e de alianças políticas –, com visões e opiniões diversas do eleitorado, não tem como sustentar uma visão dicotômica da política, em que “não se pode mais colocar os problemas sob a forma de antítese, de ou-ou, ou direita ou esquerda, quem não é de direita é de esquerda ou vice-versa” (Bobbio, 1995, p. 35), podendo ser substituído por um Terceiro Incluído ou por um Terceiro Inclusivo que estão no campo político de centro. Bobbio entende que o Terceiro Incluído não elimina essa dicotomia, assim como “o cinza não elimina a diferença entre preto e branco, nem o crepúsculo elimina a diferença entre a noite e o dia” (*Ibidem*, 1995, p. 36).

De acordo com Bobbio (1995), o centro político ou o Terceiro Incluído tem um papel relevante, requer uma compreensão mais refinada e articulada dos sistemas políticos complexos – como um espaço entre as duas concepções opostas, e tende a ir para o campo da esquerda ou da direita, dependendo dos movimentos e dos interesses envolvidos da política, formando a centro-esquerda ou a centro-direita. Ou ainda, um

centro-centro, mas não é e nem foi capaz de eliminar a dicotomia esquerda-direita.

O surgimento da Terceira Via é outro aspecto político das sociedades democráticas que foi usado para contestar a existência da díade como força motriz dos embates eleitorais e ideológicos. Bobbio a caracterizou como Terceiro Inclusivo, uma vez que não estaria entre a díade esquerda-direita. Ela pretendia ir além dessa dicotomia com abreviação da fórmula “e-e”, e “em termos práticos, uma política de Terceira Via é uma política de centro, mas idealmente ela se apresenta não como uma forma de compromisso entre os dois extremos, mas como uma superação simultânea de um e de outro” (Bobbio, 1995, p. 39). Apesar disso, como a história já demonstrou, ela não foi o bastante para superar a dicotomia esquerda-direita, nem para tornar os dois polos uma síntese superior.

Novos problemas políticos contemporâneos também foram lembrados para declarar superada a velha díade, como a questão ecológica e o fortalecimento do movimento dos verdes como molas sensibilizadoras de pessoas e dos eleitores (Bobbio, 1995, p. 40). Ainda assim, isso não significou o fim da dicotomia, porque os verdes e suas pautas transversais também são movidos por ideários de esquerda ou de direita, dependendo dos objetivos e dos interesses do movimento, reforçando ainda mais a díade no interior do momento, em vez de rejeitá-la (Bobbio, 1995, p. 41). Não é à toa que o movimento verde – que não é homogêneo –, há militante verde de esquerda e simpatizante verde de direita.

Existem ainda os problemas de dimensão moral e jurídica que envolvem o uso da natureza e o direito de manipulá-la, inclusive, no campo da bioética, que refletem nos valores morais e jurídicos que *residem* nos tempos atuais e que se “divide no universo moral, em laxistas e rigoristas” (Bobbio, 1995, p. 42), sendo essas adversidades bem distante dos temas e valores que fundaram a distinção esquerda-direita. Não obstante, “essa distinção entre laxistas e rigoristas” – os primeiros têm interpretação literal da lei, enquanto os segundos agem conforme princípios morais rígidos –, não se presta a ser confrontada com a díade, uma vez que não existe uma

definição de quais seriam as diferenças no campo moral e jurídico, visto que “existe uma esquerda rigorista e uma direita laxista, e vice-versa” (Bobbio, 1995, p. 43), embora a defesa do aborto seja mais intensa no campo da esquerda, como consequência das reivindicações dos movimentos feministas de esquerda, diante até do poder masculino na sociedade.

Outra razão suscitada pelos críticos para negar a díade no final do século XX é a existência de um lado só, posto que sem esquerda não existiria direita para a determinação de uma dicotomia. Ora, “se tudo é esquerda, não há mais direita e, reciprocamente, se tudo é de direita, não há mais esquerda” (Bobbio, 1995, p. 43). Numa abordagem em termos antitéticos, o italiano vai ressaltar que nem sempre os dois termos possuem forças iguais. Vai depender muito da forma e da dimensão dos critérios abordados. Um exemplo é a expressão guerra-paz, em que a palavra forte é guerra, enquanto a paz foi, quase sempre, tratada como “não guerra”. Contudo, no campo político segue dependendo do momento histórico e das circunstâncias.

O filósofo cita a história da Itália. Quando do declínio do fascismo, a direita também naufragou. Assim como aconteceu na época da queda do Muro de Berlim que levou ao definhamento da esquerda. Ainda assim, não significou o fim da díade, como bem descreve Bobbio, pois

[...] predomínio não significa a exclusão do outro. Tanto no caso do predomínio da Direita sobre a Esquerda, quanto no caso contrário, as duas partes continuam a existir simultaneamente e a extrair cada uma delas a própria razão de ser da existência da outra, mesmo quando uma ascende na cena política e a outra desce (Bobbio, 1995, p. 44).

Pelo entendimento do filósofo, no plano político, dentro de uma abordagem oposta ou de dicotomias, a díade esquerda-direita vai sempre existir, uma vez que uma depende ideologicamente da existência da outra até para legitimar sentidos, razões e significados de ambas.

Assim sendo, o fim do modelo soviético não foi o término do ideário de esquerda, mas o sepultamento de uma forma de esquerda que ocorreu “historicamente delimitada no tempo” (Bobbio, 1995, p. 46) e que agora

segue mais livre para seguir seu papel histórico. A *díade* continua muito viva e sobreviveu muito forte depois da grande crise do Leste Europeu.

A *díade* não perdeu a sua importância no cotidiano da linguagem política, mesmo com fortes conflitos internos sobre formas de alianças eleitorais ou a melhor estratégia para manter, avançar e alcançar o poder político. Jornais, analistas políticos e até adversários políticos se reportam aos opositores como a velha direita ou a velha esquerda – ou nova esquerda ou nova direita –, bem como os seus caminhos e estratégias diante das crises das ideologias políticas, as quais comprovam que a *díade* tradicional esquerda-direita não perdeu nada de sua expressão e continua intensa na política e no debate público.

Agora, o desafio é avançar e encontrar uma distinção capaz de sepultar quaisquer dúvidas e trazer aquilo que é essência para o centro dessa distinção. Necessária se faz, antes disso, a refutação das propostas que tratam da *díade* e seus significados para quais, para Bobbio, não há sustentação na teoria e nem na prática política.

1.3. Em busca de critério para distinção entre esquerda-direita

Existem pensadores, como Friedrich Nietzsche, Carl Schmitt, Martin Heidegger, Antonio Gramsci e Georges Sorel, entre outros, que elaboraram modos de pensar e de ação política influenciando tanto os partidários de esquerda quanto os de direita, recepcionados por militantes nazistas e, também, por comunistas, com disposições revolucionárias e contrarrevolucionárias, apesar de que, segundo Bobbio (1995), o uso transversal e interpretações diversas desses pensadores e de outros nunca foram motivos para contestar a existência da *díade* esquerda-direita.

O pensador salienta que “a *díade* extremismo-moderantismo não coincide com a *díade* direita-esquerda e obedece [...] a um critério de contraposição no universo político diverso do que conota distinção entre esquerda-direita” (Bobbio, 1995, p. 51) que se reflete em ações e programas políticos historicamente antagônicos. E que os movimentos revolucionários e contrarrevolucionário são, de fato, apenas contrapontos às alas moderadas dos seus respectivos movimentos sociais ou partidários,

no campo da esquerda e da direita – até posto que os partidos não são homogêneos –, apesar disso, não podem ser confundidos com a díade esquerda-direita.

É nesse universo político da díade extremismo-moderantismo que autores em comum estão consolidados nas manifestações e ações das extremidades, como a extrema esquerda e a extrema direita, nas quais ambas podem convergir.

[...] isto comporta que ideologias opostas podem encontrar pontos de convergência e de acordo em suas alas extremas, embora permaneçam distintas com respeito aos programas e aos fins últimos dos quais defende sua colocação em uma ou em outra parte da díade (Bobbio, 1995, p. 52).

visto que as duas são *antidemocráticas*, os extremos se tocam, como ocorreu no século XX, quando da instauração dos regimes comunistas e fascistas.

Numa abordagem da filosofia da história, Bobbio expressa ainda que o moderantismo pode ser entendido como “gradualista e evolucionista” e caminha para o desenvolvimento, como se fosse uma ordem linear preestabelecida, um determinismo; enquanto o extremismo é sempre catastrófico (Bobbio, 1995), dado que interpreta a história como ruptura e *prima* pela concepção revolucionária e contrarrevolução, e na historiografia universal, o exemplo mais contundente, conforme o autor, é o comunismo-nazismo, um movimento de revolução-contra, “catástrofes após catástrofes” (*Ibidem, Ibidem*, p.55)

Outro ponto de convergência dos extremos políticos, numa abordagem filosófica e intelectual, é a motivação anti-iluminista. O filósofo italiano compreende que essa posição anti-iluminista envolve corrente conservadora, que vai de Hegel a Croce, incluindo uma linha revolucionária marxiana historicista, em especial na Itália, além da posição contrária ao iluminismo de tradição irracional com origem em correntes religiosas.

E, numa síntese, o filósofo reitera que a díade extremismo-moderantismo apenas traduz o confronto interno dos movimentos e grupos partidários, e que extremismo existe no campo da direita e da esquerda;

contudo, não reflete a díade esquerda-direita, visto que há uma convergência entre os extremos, objetivando finalidades comuns entre eles, o desprezo pela democracia; enquanto o dueto tradicional antagônico é distinto pela visão, programas de governo e ações políticas no mundo.

Então, o grande desafio seguinte é avaliar os critérios propostos para a legitimação da díade direita-esquerda que pode ser exposto com a seguinte pergunta: qual a razão ou quais as razões da distinção? Existe uma dimensão, na linguagem política, trazida pelo historiador Jean Laponce (1981), que entende como “vertical (alto-baixo) e horizontal (direita-esquerda)”, sendo que a posição vertical foi substituída pela horizontal, na Revolução Francesa, mas a posição vertical jamais acabou, dado que a visão horizontal continua fraca (Bobbio, 1995, p. 74).

Bobbio argumenta que a posição do historiador não se sustenta, uma vez que a concepção horizontal é anterior à Revolução Francesa e representa posições antagônicas, comum em todas as formas de contraposições políticas, e nem deveria eliminar a condição vertical, uma vez que ambas as metáforas – vertical e horizontal –, “têm funções representativas diversas”, visto que a posição vertical representa uma relação governantes-governados. Por outro lado, a relação horizontal é estabelecida numa relação entre governantes e, ainda, entre governados.

Laponce sustenta ainda que em sociedades democráticas com pluralidade de grupos políticos, a díade esquerda-direita é importante para estabelecer a dicotomia que ajuda na clareza eleitoral e estabelece uma alternância. Bobbio questiona novamente o entendimento de Laponce, quando alega que o princípio da maioria é quem define o surgimento da minoria, em decisões coletivas, e não o sistema eleitoral, além de reforçar que o dualismo político está bem posto, independentemente do regime político, podendo ter, inclusive, uma conotação positiva ou negativa de direita e de esquerda, (Bobbio, 1995, p. 75), dependendo de valores axiológicos fixados pelos adeptos das ideologias.

Um exemplo clássico é o da religião que sempre olha a esquerda com viés negativo e a direita com visão e entendimento positivo, sendo que os

bons sentam à direita e os maus à esquerda. Apesar dessa metáfora religiosa, o filósofo ressalta que no campo político, numa abordagem histórica, “os bons e, respectivamente, os maus podem ser encontrados tanto à direita quanto à esquerda”.

Há autores, como Jean Laponce, que defendem a relação da esquerda com a negatividade da política e fazer relação com o aspecto religioso, como aponta Bobbio:

Da contraposição entre momento religioso e momento político deriva a insistência com que o autor, equilibrando-se entre as várias propostas de distinção que emergem das várias sondagens analisadas, destaca o fato de que a distinção entre direita e esquerda se resolve em última instância na distinção entre sacro e profano, no interior da qual encontram seu posto outras diferenças, como aquela entre ordem hierárquica e ordem igualitária e aquela entre postura tradicionalista favorável à continuidade e postura aberta ao novo ou progressista, favorável à ruptura, à descontinuidade. Uma das afirmações que percorrem todo o livro, reaparecendo nas mais diversas ocasiões, é que a religião está à direita, o ateísmo, à esquerda (Bobbio, 1995, p. 77).

Porém, a díade não se estabelece no viés religioso, o sacro e o profano, como defende Laponce. Isso não deve prevalecer, uma vez que existe uma direita pagã na Europa que não é orientada por religiões. Nem é correto afirmar que o campo da esquerda é só estabelecido por ateus, pois a ideia de igualitarismo como característica da esquerda é, também, um ideal de vários movimentos religiosos do cristianismo, como a Teologia da Libertação. Bobbio salienta que existe uma tradição política e filosófica que considera o igualitarismo como sendo defeito danoso imposto pela cultura cristã, como enfatizava o filósofo Nietzsche.

Bobbio cita o filósofo Dino Cofrancesco (1990) que trabalha com a perspectiva de que a “dessacralização do marxismo-leninismo terminou para sempre a leitura maniqueísta da oposição direita-esquerda”. Não obstante, a esquerda não deixa de pugnar pela “libertação do homem do poder injusto e opressivo”, enquanto a direita “representa (...) a defesa do passado, da tradição, da herança” (Bobbio, 1995, p. 79), não seria uma

identificação com o sacro as posições antagônicas, mas sim uma relação com a tradição.

Cofrancesco busca “uma definição que para não ser contingente, ocasional, sujeita à variedade de posições historicamente determinadas, deve-se mover-se, segundo o autor, em direção à individualização da postura mental, da ideia inspiradora” que traduza a alma de quem professa ser de esquerda ou de direita. Então, dentro dessa compreensão, o homem de direita é quem busca “salvaguardar a tradição”; enquanto o homem de esquerda quer “libertar seus semelhantes das cadeias a eles impostas pelos privilégios de raça, casta, classe” (Bobbio, 1995 p. 80-81). É o embate empolgante entre a tradição e a emancipação.

Nesse sentido, o equívoco dessa distinção é ter defendido o oposto entre tradição e emancipação, ao entender que o oposto de “tradição não deveria ser emancipação, mas inovação”. Assim como, “o oposto de emancipação não deveria ser tradição ou conservação, mas ordem imposta do alto, governo paternalista” (Bobbio, 1995, p. 84-85).

Ao analisar a contribuição de Elisabetta Galeotti (1984), que traz a clivagem hierarquia-igualdade, na qual apresenta a direita como hierárquica e a esquerda como defensora da igualdade, o filósofo enfatiza que a concepção ou a díade criada por Galeotti está equivocada, pois a desigualdade social que o liberalismo de mercado tolera não se refere a uma desigualdade numa estrutura rígida de sociedade totalmente hierarquizada, sendo assim, a díade igualdade-desigualdade seria bem mais compatível com as contradições do universo político; é mais verdadeira.

Marco Revelli (1990) alega que “esquerda e direita não são conceitos absolutos. São conceitos relativos”. Apenas representam uma tipologia política ou lugares situados no campo político, que nada têm a ver com a ontologia política, e que podem designar diversos conteúdos em função do tempo e da situação posta. Entretanto, apesar de o estudo de Revelli apontar para conceitos relativos, de modo que o significado de direita e esquerda não seja inerente à ontologia da política, o filósofo italiano

discorda, apontando que os conceitos são absolutos, na medida em que a “oposição permanece, mesmo que os conteúdos dos dois possam mudar”.

E acrescenta:

[...] esquerda e direita são termos que a linguagem política passou a adotar no decorrer do século XIX, e preserva até hoje, para representar o universo conflituoso da política. Mas esse mesmo universo pode ser representado, e foi representado em outros tempos, por outras duplas de opostos, algumas das quais têm valor descritivo forte, como ‘progressistas’ e ‘conservadores’ (Bobbio, 1995, p. 92).

Ainda assim, são dois conceitos estabelecidos por fatores do tempo. Então, são caixas vazias que podem mudar com novos conteúdos? Pergunta o italiano. Claro que não, ele mesmo responde. Resta, portanto, como princípio fundador, a igualdade que resiste ao tempo e a refutação de outros critérios. Logo, qual igualdade social que o italiano quer privilegiar? É a resposta que o filósofo quer apresentar como posições opostas entre esquerda e direita, como elemento basilar na sua análise filosófica.

1.4. Igualdade-desigualdade social como ideia central da distinção de esquerda-direita

Depois de expor seu objeto de estudo sobre o método de análise utilizado, de demonstrar um mundo político e social diádico, apresentar o vigor da díade esquerda-direita no campo político, identificar e criticar pensadores que postularam critérios para a distinção de direita e esquerda, Norberto Bobbio traz a sua contribuição central para diferenciar antagonicamente esquerda e direita no campo, na linguagem política, nas ações e nos programas de governos. Segundo ele, uma é defensora do ideal de igualdade social e a outra é avalista da desigualdade como fenômeno natural.

O filósofo explica que o ideal de igualdade, assim como os ideais de liberdade e de paz são princípios que os homens buscam há séculos e lutam para conquistar. Com base no método analítico, numa perspectiva dicotômica e sem qualquer juízo de valor, Bobbio entende que o conceito de igualdade é complexo e relativo, mas não abstrato. É relativo à sua realizabilidade, a partir da utilização de três variáveis de análise: “a) os

sujeitos entre os quais se trata de repartir os bens e os ônus; b) os bens e os ônus a serem repartidos; c) o critério com base no qual os repartir”.

Desse modo, não é possível, segundo Bobbio, qualquer projeto de repartição deixar de responder a três perguntas norteadoras diante da postulação da igualdade: “Igualdade sim, mas entre quem, em relação a quê e com base em quais critérios?”. Isso resulta em enorme variável de tipos de repartição, que apesar de diversos entre si, podem ser chamados de igualitários, envolvendo todos os sujeitos, muitos, poucos ou somente um só (Bobbio, 1995, p. 97).

Diante de critérios adotados, é possível destacar doutrinas que são mais ou menos igualitárias, como ressalta Bobbio ao declarar que,

Com respeito aos sujeitos, o sufrágio universal masculino e feminino é mais igualitário do que o sufrágio universal apenas masculino; o sufrágio universal masculino é mais igualitário do que o sufrágio limitado aos possuidores ou aos não-alfabetos. Com respeito aos bens, a democracia social que estende a todos os cidadãos, além dos direitos de liberdade, também os direitos sociais, é mais igualitária do que a democracia liberal. Com respeito ao critério, a máxima “a cada um segundo suas necessidades” é, como já se disse, mais igualitária do que a máxima “a cada um segundo sua posição”, que caracteriza Estado de estamentos ao qual se contrapõe o Estado Liberal (Bobbio, 1995, p. 99).

Embora a esquerda seja caracterizada como a tradição igualitária, definida no campo político como defensora da igualdade, não se deve confundi-la com o postulado do igualitarismo utópico – comumente empregado sem qualquer critério razoável de igualdade, enquanto extremo –, uma vez que “uma coisa é a doutrina igualitária ou um movimento nela inspirado, que tendem a reduzir as desigualdades naturais; outra coisa é igualitarismo, quando entendido como de todos em tudo”. (Bobbio, 1995, p. 100).

Há uma compreensão do filósofo italiano de que as desigualdades naturais são concretas e que algumas são possíveis de serem sanadas, assim como há outras desigualdades difíceis de eliminar. Se há desigualdades sociais que podem ser corrigidas e reparadas – e eliminadas

–, existem diversas em que os indivíduos não são responsáveis, nesse caso, é admissível também o enfraquecimento delas. O que, então, contribui para essa distinção entre igualdade e desigualdade no campo político antagônico de esquerda e direita? Bobbio esclarece que

Disso decorre que quando se atribui à esquerda uma maior sensibilidade para diminuir as desigualdades não se deseja dizer que ela quer eliminar todas as desigualdades ou que a direita pretende conservá-las todas, mas no máximo que a primeira é mais igualitária e a segunda mais inigualitária (Bobbio, 1995, p. 103).

Bobbio adverte que os homens são iguais diante da morte, visto que todos são mortais, mas as desigualdades aparecem diante das particularidades da morte, uma vez que cada um morre diferente dos demais; ainda existem os aspectos religiosos e as línguas, que tornam os homens desiguais, apesar de serem iguais como espécie, cultivam uma relação com a fé ou adoram o seu próprio deus ou deuses. E é a compreensão disso que a distinção entre esquerda e direita aflora na linguagem do campo político e nas ações.

Por isso, podem ser corretamente chamados de igualitários aqueles que, embora não ignorando que os homens são tão iguais quanto desiguais, apreciam de modo especial e consideram mais importante para a boa convivência aquilo que os une; podem ser chamados de inigualitários, ao contrário, aqueles que, partindo do mesmo juízo de fato, apreciam e consideram mais importante, para fundar uma boa convivência, a diversidade (Bobbio, 1995, p. 105).

Desta maneira, há combinações de valores que afetam os espectros políticos em contraposição: igualdade-desigualdade natural; igualdade-desigualdade social. O igualitário entende que a grande parte das desigualdades são sociais – elimináveis – e quer fazer desaparecer; na contramão, o inigualitário considera que as desigualdades são naturais e, enquanto tal, inelimináveis. Um exemplo é o movimento feminista que sempre alegou que homens e mulheres são desiguais, numa perspectiva da natureza, mas imposições de leis e de culturas produziram desigualdades sociais que podem ser perfeitamente modificáveis.

Trata-se de um contraste entre opções últimas, das quais temos dificuldade de saber qual é a origem profunda. Mas é

precisamente o contraste entre estas opções últimas que, em minha opinião, consegue melhor que qualquer outro critério salientar os dois opostos alinhamentos que nos habituamos, por longa tradição, a chamar de esquerda e direita. De um lado, estão aqueles que consideram que os homens são mais iguais que desiguais, de outro, aqueles que consideram que são mais desiguais que iguais (Bobbio, 1995, p. 105).

A direita é muito ligada, também, ao tradicional, ao habitual e ao passado como valores aceitáveis e determinantes nas ideias e na ação política, por outro lado, a esquerda pode até possuir um certo artificialismo, na medida em que é capaz de libertar os loucos dos manicômios, e caminha para contrapor as desigualdades naturais e sociais.

E não é somente no campo dos valores ou dos conceitos analíticos que move essa distinção, segundo Norberto Bobbio. Há lutas e avanços para combater a desigualdade social, a sua superação ou reduzi-la, a partir de conquistas de direitos políticos, cívicos e liberdades dos homens, por meio de diplomas legais ou por convenções internacionais consagradas para direitos à educação, à saúde, ao trabalho e outros direitos que objetivem pôr fim às desigualdades ou tornar as pessoas menos desiguais. E isso designa a díade esquerda-direita como antagônicas, em que cada uma defende a sua concepção de mundo e da política, na qual igualdade social e desigualdade social ganham aliados e adversários. Bobbio conclui salientando que

[...] o elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de esquerda, e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido [...] não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais igual os desiguais (Bobbio, 1995, p. 110).

Ainda sobre as concepções de igualdade e desigualdade no campo filosófico, o italiano reforça que os entendimentos de Jean-Jacques Rousseau e Friedrich Nietzsche são bem ilustrativos. O primeiro trata a origem das desigualdades a partir de relações sociais ou da sociedade sendo responsável, dado que os homens nascem iguais; por outro lado, o segundo

diz que os homens são desiguais por natureza e a sociedade com sua compaixão religiosa ou com a moral submissa pode buscar negativamente uma igualdade entre os homens.

Após conceituar a igualdade social ou a busca dela, como estrela polar, e como distinção entre a esquerda e a direita – esta última não acredita na eliminação delas, em razão de que não são elimináveis –, o filósofo italiano acrescenta um debate com acuidade sobre as ideias de igualdade e liberdade que segue na direção muito além de seus aspectos meramente formais.

De início, ele afirma que a frase “todos os homens são livres” poderia ser equiparada a outra expressão que ressalta que “todos os homens devem ser iguais”, uma vez que são significados puramente sugestivos, quando sem definições de critérios. Uma criança ou um louco pode ter liberdade? Questiona Bobbio. Por isso, o filósofo escolhe a liberdade de agir como referência para o seu estudo de filosofia política.

Há exemplos em que a liberdade foi suprimida para atender as necessidades, e, da mesma forma, existem modelos em que a igualdade substancial foi alcançada sem liberdade. No liberalismo econômico, a liberdade não tem preocupação com as desigualdades. Bobbio indica que não quer ser óbvio no seu argumento sobre as contradições entre igualdade e liberdade, diante da história dos últimos séculos em que capitalistas e comunistas suprimiram liberdades e igualdades, mas,

Repito que não precisamos retornar à grande contradição histórica atual entre comunismo e capitalismo, pois são infinitas as possibilidades de serem apresentados exemplos de casos diminutos ou mínimos de medidas igualitárias que limitam a liberdade e, vice-versa, de medidas libertárias que aumentam as desigualdades. (Bobbio, 1995, p. 113).

Outra constatação é a de que a adoção de um regime ou uma utopia igualitária teria levado à padronização sem poder escolher até as roupas preferidas ou, então, simplesmente uma imposição de uso do mesmo transporte público a toda sociedade, independentemente de classe, cor e de opção individual, isso certamente afetaria a liberdade, sendo que essa

posição extrema traria prejuízos para quem busca riqueza material, uma vez que,

(...) A perda da liberdade golpeia naturalmente mais o rico do que o pobre, para quem a liberdade de escolher o meio de transporte, o tipo de escola, o modo de se vestir, está habitualmente impedida, não por uma imposição pública, mas pela situação econômica interna à esfera privada (Bobbio, 1995, p. 113-114).

É fato, também, que a igualdade pode ter como consequência uma limitação da liberdade para o rico e para o pobre, apesar de o rico perder uma liberdade concreta e também uma liberdade potencial, uma vez que

De outro modo, a doutrina liberal valoriza a liberdade como elemento importante para viver em sociedade, no campo da política e da economia, deixando sempre em segundo plano a igualdade e, em algumas oportunidades, intervém com medidas igualitárias limitadoras que não eliminam as desigualdades. Os conceitos de liberdade e de igualdade, segundo o filósofo Italiano, não são simétricos, visto que a liberdade pode ser uma condição pessoal. Por outro lado, a igualdade requer comparação entre pessoas que, segundo a máxima, “todos são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros”.

É exemplar a assertiva do italiano, quando cita Hegel para destacar a contradição que existe no regime despótico, onde apenas um possui liberdade e os outros são servos, mas em nenhuma sociedade apresenta um como igual, confirmando a sua tese em que a liberdade pode ser individual, enquanto a igualdade é um bem social.

Para o italiano, alguns analistas políticos acabam trazendo a distinção de esquerda e direita por meio da díade liberdade-igualdade, em que a direita seria mais libertadora e a esquerda mais igualitária, ainda assim, o italiano discorda dessa distinção em favor da díade igualdade-desigualdade, pois existiram e há movimentos libertários no mundo inteiro e na história da humanidade tanto de uma, à esquerda, quanto de outra, à direita.

No entanto, ele estabelece, como contribuição teórica, diferenças entre esquerda e direita a partir das ideias de igualdade-desigualdade e de liberdade, no campo político, nos seguintes quatro tipos:

- a. na extrema-esquerda estão os movimentos simultaneamente igualitários e autoritários, dos quais o jacobinismo é o exemplo histórico mais importante, a ponto de se ter tornado uma abstrata categoria aplicável, e efetivamente aplicada, a períodos e situações históricas diversas;
- b. no centro-esquerda, doutrinas e movimentos simultaneamente igualitários e libertários, para os quais podemos empregar hoje a expressão "socialismo liberal", nela compreendendo todos os partidos social-democratas, em que pesem suas diferentes práxis políticas;
- c. no centro-direita, doutrina e movimentos simultaneamente libertários e inigualitários, entre os quais se inserem os partidários conservadores, que se distinguem das direitas reacionárias por sua fidelidade ao método democrático, mas que, com respeito ao ideal de igualdade, se prendem à igualdade diante da lei, que implica unicamente o dever por parte do juiz de aplicar parcialmente as leis, à liberdade idêntica, que caracteriza aquilo que chamei de igualitarismo mínimo;
- d. na extrema-direita, doutrinas e movimentos antiliberalismo e anti-igualitarismo, dos quais creio ser supérfluo indicar exemplos históricos bem conhecidos como o fascismo e o nazismo (Bobbio, 1995, p. 119).

O italiano entende que a realidade é mais complexa do que o esquema acima citado, mas é uma sugestão para responder que movimentos e doutrinas não são homogêneos, como, "à esquerda, comunismo e socialismo democrático, e, à direita, fascismo e conservadorismo".

E a resposta do filósofo sobre a distinção entre esquerda e direita demonstra que a igualdade social não é maior ou menor do que a liberdade e a democracia, posições cujos valores possuem defensores e até inimigos extremistas em ambos os lados, mas a busca da igualdade social ou a luta para superá-la abre uma enorme avenida para uma certeza diante de inúmeras dúvidas sobre os significados e as ações de governanças dessas ideologias políticas.

2. OS SIGNIFICADOS DE ESQUERDA-DIREITA NAS OBRAS DE PENSADORES CONTEMPORÂNEOS

2.1. Igualdade social e neoliberalismo como elementos centrais da dicotomia esquerda-direita no texto da obra de Emir Sader

Chegam aos países da América Latina os escritos do italiano Norberto Bobbio sobre o significado de esquerda e direita, bem como suas distinções. Não será mais uma análise conceitual, uma construção de tipos ideais, um modo didático de pensar e com comprovação de antítese no campo da política, em razão de que os aspectos históricos, programas governamentais e participação ativa da sociedade civil nesses estados são importantes. Ainda assim, a igualdade e desigualdade foram centrais para a distinção da diáde esquerda-direita.

Na obra *Anjo Torto: esquerda (e direita) no Brasil* de 1995, empregando uma abordagem do materialismo histórico de Karl Marx, o professor da Universidade de São Paulo e filósofo Emir Sader assegura que o mundo passa por revolução na área de produção de alimentos, de novas tecnologias e de comunicação. Apesar disso, os meios de produção e o controle desses conhecimentos continuam dominados por um pequeno grupo de pessoas, criando um distanciamento enorme entre ricos e pobres, com desigualdades que marcaram o fim do milênio, e ainda há crianças morrendo por desnutrição.

Logo no início do livro, diante do término da Guerra Fria e da força da economia neoliberal, o professor fez os seguintes questionamentos: nesse quadro, que sentido há em se falar de direita e esquerda? O desmoronamento da URSS e dos países socialistas do Leste Europeu teria decretado, realmente, o fim dessas alternativas? O filósofo brasileiro replica com uma citação de Bobbio para responder o seu próprio questionamento, deixando claro o caminho conceitual para o seu estudo:

No nosso tempo, todos os que defendem os povos oprimidos, os movimentos de libertação, as populações esfomeadas do Terceiro Mundo são de esquerda. Aqueles que, falando do alto de seu interesse, dizem que não veem por que distribuir um dinheiro que suaram para ganhar são e serão de direita [...] quem acredita que as desigualdades são um fatalismo, que é preciso aceitá-las, desde que o mundo é mundo sempre foi assim, não há nada a fazer – sempre esteve e estará à direita.

Assim como a esquerda nunca deixará de ser identificada no que dizem que os homens são iguais, que é preciso levantar os que estão no chão, lá embaixo (Bobbio *apud* Sader, 1995, p. 17).

Sader explicita a incorporação da clivagem igualdade-desigualdade como elemento primordial do seu estudo sobre esquerda-direita, embora diga, em outras palavras que, quem acredita no mercado econômico como definidor do destino de cada pessoa, é de direita. Por outro lado, quem acredita na justiça social como norteadora das suas ações políticas, são de esquerda, sendo o mercado neoliberal o símbolo da desigualdade e da justiça social como motor da busca por igualdade social.

Nunca como hoje a contraposição do mercado x justiça social foi tão essencial [...] vamos nos nortear pelas definições de Norberto Bobbio e, portanto, nosso caminho estará marcado pelas definições do mercado e da justiça social, definidoras dos campos que queremos abordar (Sader, 1995, p. 17-18).

O professor faz uma síntese histórica e política – dos lados opostos – , e o que cada um representava na contradição econômica e política, iniciando a sua narrativa a partir de fatos acontecidos muito antes da Revolução Francesa, apesar de ser na Assembleia Constituinte da França, logo após a tomada da Bastilha, em 1789, que as posições à direita e à esquerda ganham significados e distinções políticas, uma vez que a primeira defendia os interesses daqueles que majoritariamente sustentavam o sistema vigente; enquanto a outra, queria a mudança da ordem, uma República.

A Revolução Francesa trouxe o lema: liberdade, igualdade e fraternidade. A liberdade política e econômica significava avanços para quem vivia sob relações sociais do regime feudal, tornando possível trabalhar sem imposição, mando ou laços de obrigações com o senhor feudal; trouxe uma liberdade da atividade política, inclusive, na escolha dos governantes a ser exercida por uma parcela da sociedade. Apesar disso, o liberalismo, lembra Sader, priorizou a liberdade econômica e o direito de propriedade, em detrimento da liberdade política – da consolidação da

democracia –, demonstrando assim que a liberdade econômica e a liberdade política nem sempre andam juntas (Sader, 1995, p. 23).

Na própria declaração dos Direitos do Homem do Cidadão, de 1789, segundo o filósofo, já existia desigualdade, visto que “os homens nascem e permanecem iguais em direitos”, destacando a propriedade como um direito fundamental, definindo assim uma sociedade de proprietário e de não-proprietário.

Como um marxista, Sader cita o lançamento do Manifesto Comunista de 1848 como um marco da esquerda em que trazia a evolução dialética da história, a partir de dominados e dominadores e da contradição de classe que envolve a burguesia e o proletariado, além de colocar o trabalhador como sujeito da história e capaz de alcançar uma “sociedade sem exploração” (Sader, 1995, p. 26), uma sociedade comunista que seria sem classe, sem exploração e sem Estado, resultando em uma teoria política à esquerda, e poderia pleitear um modelo socialista que superaria o capitalismo antes da conquista da sociedade comunista.

O filósofo segue contextualizando a fundação da Primeira Internacional para a união dos trabalhadores; a Comuna de Paris (1871), como a primeira experiência de governo dos trabalhadores, uma autogestão; a participação do Partido Social-Democrata alemão nas eleições, uma opção pela “transformação gradual” das instituições e do estado para o socialismo, enquanto o “movimento russo” optava pela revolução e insurreição tradicional, trazendo “duas posições diferentes” (Sader, 1995, p. 34) e cisão dentro do movimento; a Primeira Guerra Mundial, que dividiu as duas correntes de esquerda sobre a participação dos movimentos de esquerda na guerra; e a criação da Internacional Socialista que substituiu a primeira internacional: internacionalistas, nacionalistas, revolucionários e reformistas, comunistas e social-democratas como etapas e desafios da esquerda na história.

A Revolução Russa com o confronto entre bolcheviques e os mencheviques, sendo os primeiros ligados aos comunistas e o segundo que agasalhava a social-democracia, com transformação de menor alcance

dentro do capitalismo: “como o governo dirigido pelos mencheviques não mencionava a retirada da Rússia da Guerra e, tampouco, revolver os outros dois problemas do país – a fome e a terra –, isto fez com que o poder ficasse com os bolcheviques” (Sader, 1995, p. 41), uma revolução que ficou isolada na Rússia, uma vez que não expandiu para a Europa. Além do período do stalinismo, que priorizou o desenvolvimento econômico em prejuízo da democracia e a imposição de uma ditadura que matou seus adversários. “Dissociaram-se assim a democracia e o desenvolvimento na primeira experiência de construção de uma sociedade anticapitalista” (Sader, 1995, p. 44).

Depois da derrota dos países nazifascistas pelos aliados, na Segunda Guerra Mundial, o modelo da URSS expandiu para o Leste Europeu e para outros países, com economia planificada e partido único, formando os países socialistas com o advento das revoluções anticapitalistas na China, Coreia do Norte e Vietnã do Norte: “com isso, criou-se uma bipolaridade no mundo entre as esferas de influência dos Estados Unidos e da União Soviética” (Sader, 1995 p. 50). Com o revés da URSS, que levou à crise dos partidos e das ideias de esquerda, inclusive,

A esquerda perdia uma referência na URSS e nos países do leste europeu, mas também se desfazia de um modelo que cindiu desenvolvimento econômico-social de democracia política e liberdade pessoal. Reabria-se um longo caminho de reconstrução para a esquerda (Sader, 1995, p. 59).

Numa reflexão sobre esquerda e direita no Brasil, o professor é categórico ao afirmar que o Brasil nunca teve uma tradição de esquerda em comparação aos países europeus e até da América do Sul, como Chile, Uruguai e Argentina, que foram os países com maiores pesos políticos das esquerdas, pois é só olhar a lista dos políticos mais destacados da história brasileira: a única exceção vem de Luís Carlos Prestes, ex-presidente do Partido Comunista Brasileiro (Sader, 1995, p. 68). Porém, mesmo sem muita tradição no Brasil, o filósofo ressalta que a esquerda já produziu três movimentos: os anarquistas, os socialistas e os comunistas do início do século XX, ligados à tradição europeia. Depois veio a resistência por meio

da luta armada nas décadas de 60 e 70; logo depois surgiram novos movimentos sociais e partidários com vertentes de esquerda na década de 70 e nos primeiros anos da década de 80.

Depois de uma análise longa do cenário político, econômico e social dos últimos séculos e da trajetória da dicotomia esquerda-direita na Europa e no Brasil, Sader diz que com as novas formas de produção, novos modelos de hegemonias e as transformações sociais do último século, que impactaram a caracterização da esquerda e da direita na política, devem-se atualizações no atual contexto do mundo e do Brasil. O filósofo Norberto Bobbio é novamente referenciado por Sader, dado que o italiano,

Depois de ter passado pela análise de vários critérios diferenciadores dos dois temas – dentre os quais estão aqueles baseados no tempo (progresso/conservação), espaço (igualdade/desigualdade), sujeito (autodireção/heterodireção), função (classes inferiores/classes superiores), modelo de conhecimento (racionalismo/irracionalismo), Bobbio se detém naquele que parece ter mais resistido ao tempo: o da oposição igualdade/desigualdade) (Sader, 1995, p. 177).

E finaliza sua publicação depois de demonstrar que esquerda e direita passaram por definições diversas ao longo dos últimos séculos e que, no Brasil, há especificidades políticas e históricas, mas que o maior desafio é, ainda, o combate à desigualdade social entre os homens, referendado numa contraposição entre neoliberalismo e justiça social sem qualquer tipo de exclusão, com a assertiva de que mesmo aplicando um método científico diferente de Norberto Bobbio para abordar o mesmo tema, a dialética igualdade-desigualdade é o que permanece para a distinção de esquerda e direita no campo político no final do século XX.

2.2. Igualdade social na proposta de ordem e justiça social na pesquisa de Bresser-Pereira para expressar a clivagem esquerda-direita

O economista e cientista político Luiz Carlos Bresser-Pereira em seus artigos publicados nos anos 2000 e 2005, sendo o primeiro denominado de “A nova esquerda: uma visão a partir do Sul” e o segundo intitulado “Paradoxo da esquerda no Brasil”, com análises teóricas e históricas dentro do contexto atual do mundo e das realidades do Hemisfério Sul, trouxe a igualdade para o centro do debate sobre a distinção entre esquerda e

direita, além de introduzir o conceito de ordem na temática, depois de realizar investigações acadêmicas sobre as concepções ideológicas no campo da política nas últimas décadas do século XX, em que ele define nova e velha esquerda e direita (Bresser-Pereira, 2000, p. 144).

De acordo com o cientista político, o novo tipo de esquerda ou nova esquerda seria resultado das mudanças que ocorreram nas décadas de 70 e 80 do século XX, que levaram o centro político a se deslocar para a esquerda; antes, esse movimento estava favorecendo o campo político da direita, uma vez que o centro político vive em mutação e é um ponto de referência no espectro político, apesar de não possuir uma ideologia própria:

[...] indivíduos e partidos políticos estarão ou à esquerda ou à direita desse centro. Não há partidos ou indivíduos de centro nas sociedades capitalistas. O máximo que podemos afirmar é que há uma centro-esquerda e uma centro-direita. Em alguns casos, podemos encontrar um indivíduo ou grupo de indivíduos inidentificáveis (Bresser-Pereira, 2000, p. 144).

A mudança, primeiramente, aconteceu no campo político da direita, com a negação da tradição ou da postura mais conservadora, do nacionalismo e da incorporação do neoliberalismo econômico e do Estado mínimo, nascendo assim uma nova direita. Logo depois, a esquerda passou por modificações, rejeitando a nacionalização, o planejamento planificado e redefiniu o Estado como elemento complementar e de organização do mercado no campo da economia, trazendo novas atribuições estatais. Isso levou ao surgimento de uma nova esquerda fortalecida, visto que nos anos 90 os partidos de esquerda na Europa ganharam eleições com a adesão do centro político que enfraqueceu a direita neoliberal decadente que se segurava em discursos antigos nacionalistas e de cunho nazista.

Bresser-Pereira ressaltou ainda que esse movimento político consolidou o novo trabalhismo na Grã-Bretanha, uma esquerda vigorosa na França e na Alemanha e uma social-democracia no Brasil, nos anos 90, como representação de uma nova esquerda que continua comprometida com a igualdade social e com a democracia, mesmo governando países capitalistas, sendo esse também um dos grandes desafios.

Mas o cientista político admite que não é fácil fazer uma distinção geral entre quais partidos são da nova esquerda clássica, de concepção marxista, que acreditava numa relação direta entre classe trabalhadora e esquerda, visto que cada sigla partidária ou cada grupo social de militância política possui coletividades que dominam o partido político ou o movimento social e, dependendo da força, podem ser hegemonicamente simpatizantes da nova esquerda ou da velha esquerda. Além disso, existem fatores históricos, geográficos e experiências específicas de cada país, sendo que sua análise inicia a partir do mundo político europeu.

Assim sendo, após conceituar a esquerda e a direita dentro de perspectivas históricas e geográficas, levando em consideração os aspectos locais e as mudanças econômicas e políticas de cada país, Bresser-Pereira definiu o que são nova e velha esquerda e direita ao tratar dessa dicotomia a partir da construção de um conceito abstrato, da forma que fizeram pensadores como o italiano Norberto Bobbio, o francês Alain Touraine e o ex-primeiro ministro da Itália Massimo D'Alema. Assim, o cientista político privilegiou o binômio ordem-justiça social como contraposição entre direita-esquerda. Visando isso,

Examinarei conceitos de esquerda e direita em termos históricos, mas, para isso, devo ter em mente um conceito abstrato. É possível chegar a esse conceito abstrato de várias maneiras. Destacando a igualdade – valor privilegiado pela esquerda e não pela direita, como diz Bobbio (1994). Ou afirmando que a direita é aliada das forças econômicas, a esquerda das sociais, como faz Touraine (1999). Ou dizendo que a esquerda enfatiza a solidariedade, a direita a competição, como prefere D'Alema. (1999). Ou, finalmente, afirmando, como faço eu, que a ordem e a justiça social são os objetivos políticos relevantes que distinguem a direita da esquerda: enquanto a esquerda está pronta a arriscar a ordem em nome da justiça, aquela é sempre a primeira prioridade para a direita (Bresser-Pereira, 2000, p. 149).

Quando o cientista político brasileiro aplica um tipo abstrato como ordem-justiça social na distinção de esquerda e direita, ele acaba recepcionando a igualdade social de Norberto Bobbio para definir essa dicotomia tradicional da política como elemento central do seu estudo, embora acrescente o conceito de ordem para se referir à direita que não

tem primazia pela igualdade social, uma vez que ela não quer mudança, quer manter o status quo, quer segurança.

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta, sobretudo por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça - ou em nome da justiça e da proteção ambiental [...] Adicionalmente, a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo (Bresser-Pereira, 2005, p. 26-27).

Quem advoga a ordem, em detrimento da igualdade, seria o conservador de direita, deixando em segundo plano a igualdade social como valor importante, enquanto o progressista ou o homem de esquerda tem respeito pela ordem e sabe que na democracia tem que existir ordem. Apesar disso, sustenta que a busca pela justiça social requer contestação do *status quo* e pode levar risco à ordem ou à segurança, mas é perfeitamente possível questionar a ordem, *status quo*, e até as leis injustas para obter justiça social, diferente da direita que acha inaceitável desafiar a ordem e a lei.

O professor afirma que segue a linha teórica de Norberto Bobbio quando conceitua a nova esquerda como uma espécie de política social-liberal e acredita que no futuro próximo a igualdade não será mais vista pela nova esquerda como divisão de renda e riqueza, ou seja, uma igualdade social, mas uma igualdade de oportunidades, quando a saúde digna e a educação de qualidade forem oferecidas gratuitamente a todos. E, ainda, "a eliminação ativa de todos os tipos de discriminação – de gênero, étnico, racial, religioso –, mas supõe-se que vá além disso" (Bresser-Pereira, 2000, p. 159).

Ainda com forte presença da ideia de nova esquerda e direita numa perspectiva de gestão pública e realidade de cada região do mundo, o cientista político ressalta que a nova esquerda, em países em desenvolvimento, guarda muito de nacionalista, apesar de que a compatibilização de um Estado com o mercado capitalista, o

restabelecimento do papel do estado como condutor de políticas públicas – bem diferente do Estado no neoliberalismo –, e a redução das desigualdades sociais características delas na administração pública, é posição diferente da nova direita que privilegia a ordem e o neoliberalismo em detrimento da igualdade social (Bresser-Pereira, 2000, p. 175).

O bem-estar econômico e a defesa da liberdade, para ele, não diferenciam o dueto esquerda-direita, uma vez que ao longo da história, tanto os partidários da esquerda, quanto os da direita lutaram por bem-estar econômico e por liberdade, e ao incluir a defesa da ordem como característica da direita, demonstra o seu distanciamento e, ao mesmo tempo, a proximidade do método diádico de Bobbio, posição normal para quem utiliza a história, a geografia e a economia para determinar velha e nova esquerda, velha e nova direita, como se a história política fosse uma onda, uma hora está alta para o lado da esquerda e, em outro momento, a onda maior fica com a direita, sendo que o centro político, que embora não tenha ideologia definida, seria o “troféu” a ser conquistado para o estabelecimento da hegemonia à esquerda ou à direita.

2.3. Igualdade social como relevância na proposta de Terceira Via de Anthony Giddens

No ano de 2007, o sociólogo inglês Anthony Giddens teve uma obra traduzida para o português, pela editora Unesp, com o título “O debate global sobre a Terceira Via”, com uma dimensão histórica, política, social, acadêmica e de governança, que envolve a proposta centrista que objetiva revigorar a social democracia, no âmbito econômico e na área social, a partir da união de valores e de experiências positivas trazidas pelo socialismo e pelo liberalismo, como resposta ao neoliberalismo e, também, ao enfraquecimento da díade esquerda-direita na Europa do final do século XX, em razão de que existia “um reconhecimento geral quase que por toda parte de que as duas vias que têm dominado o pensamento desde a Segunda Guerra Mundial fracassaram ou perderam a pujança” (Giddens, 2007, p. 18).

Outras obras de Giddens foram também trazidas, como a “Para além da esquerda e da direita: o futuro da política radical”, de 1996, e “A terceira via”, com a tradução de Maria Luiza X. de A. Borges do Instituto Teotônio Vilela, em 1999, todas com interesse de indicar novos caminhos para a esquerda, reforçando a nova social-democracia.

Entende o sociólogo que a Primeira Via reside na concepção política e econômica do socialismo com base em propostas radicais e reformistas, com destaque para a centralidade da gestão e com forte planejamento econômico estatal, negando a economia de mercado, visto que esse modelo econômico é extremamente irracional e refratário à justiça social. Essa via socialista econômica não existe mais, segundo Giddens, e nem a China comunista e outros países, os quais já mudaram suas concepções econômicas que antes defendiam, assim como também a expansão do modelo keynesiano no Ocidente, com a política de bem-estar, que ocupou espaço político, e na gestão pública enfraqueceu a Primeira Via.

A Segunda Via representava o entendimento de que o mercado tinha papel central na economia, desregulamentação das relações comerciais e do sistema financeiro e na condução do tamanho econômico do Estado, características do liberalismo e do neoliberalismo, que trouxeram desigualdades, deixando milhões de pessoas desprotegidas e com incertezas, alimentando ainda mais a pobreza nos países em desenvolvimento e concentrando riqueza nas regiões ricas da Europa e dos Estados Unidos da América, por isso “o retorno de partidos de esquerda ou de centro ao governo de tantos países transmite a clara mensagem de que as pessoas não querem ficar desprotegidas ante o mercado global” (Giddens, 2007, p. 19), via que depois foi abandonada até por governos direitistas.

A Terceira Via é um conjunto de iniciativas de partidos e de administradores comuns a todos que desejam reestruturar as doutrinas de esquerda, criar algo novo. Não seria modelo ou paradigmas prontos ligados aos países anglo-saxônicos ou identificado, isoladamente, nas condutas de governança de determinado partido, como os democratas dos EUA e os

trabalhistas da Inglaterra, “de nenhum outro partido específico, sendo antes uma ampla corrente ideológica em que deságuam vários fluentes” (Giddens, 2007, p. 19). Nesse contexto, onde as doutrinas do socialismo não são aplicáveis, torna-se necessário outra proposta, uma Terceira Via ou outro tipo de expressão que tenha como referência renovar a democracia social de modo que se estabeleçam circunstâncias sociais atuais.

Uma vez que naquele contexto histórico anterior e pós queda do Muro de Berlin, o mundo passava por grandes transformações com a globalização financeira e a comunicação eletrônica, o enfraquecimento do mundo fabril e o declínio do operário clássico de chão de fábrica, o surgimento da economia do conhecimento, em que a internet tem um peso substancial com serviços e transações comerciais, e de consumo de forma muito rápida, além de maior liberdade individual e de um individualismo que rompe com os valores tradicionais e costumes, em muito dos setores da vida social, como a liberdade sexual, o divórcio e, em especial, a luta das mulheres.

Assim, os desafios dos governantes alinhados à Terceira Via eram enormes. Entre eles, segundo Giddens, estavam a reforma do governo e do Estado, em que uma estrutura estatal deixa de cuidar de tudo. Não deve existir excesso de Estado, nem pode dominar o mercado e nem a sociedade, embora caiba como papel importante na regulação para criar um ambiente de desenvolvimento com justiça social. Outro desafio seria o maior envolvimento da sociedade civil nas decisões e no processo de modernização, não existindo um estado moderno sem a modernização da sociedade, por isso, o Estado deve ofertar créditos e promover investimentos na internet e nas iniciativas empreendedoras; ainda assim, é preciso saber diferenciar a sociedade civil do governo.

E a busca do pleno emprego com o aproveitamento da economia do conhecimento, inclusive, com maior flexibilização do mercado de trabalho e com forte presença na qualificação do capital humano, disponibilizando novos cursos de qualificações e de requalificações, em especial para os jovens, assim como o estabelecimento de um novo contrato social vinculado aos direitos civis e ao tamanho da liberdade numa sociedade, agora, mais

individualizada e, também, a defesa de uma política fiscal, econômica e social plenamente conectada é necessária.

Assim como não se deve abrir mão da construção de uma sociedade igualitária, pelo motivo de que a igualdade está na raiz ou veia da Terceira Via. Sobre os valores de esquerda e de direita, bem como suas distinções, o sociólogo inglês adverte que não existe a ilusão de superação entre valores políticos defendidos pela esquerda e direita e que essa divisão não desapareceu na política. E definiu assim, essa dicotomia tradicional:

A divisão de esquerda e direita não desapareceu. Ela reflete essencialmente diferenças em valores políticos. Estar na esquerda é desejar uma sociedade solidária e inclusiva, em que nenhum cidadão seja deixado de fora. É comprometer-se com a igualdade e acreditar que temos a obrigação de proteger e zelar pelos membros mais velhos e vulneráveis da sociedade. Como adendo crucial, isso envolve a crença de que a intervenção do governo é necessária para alcançar tais objetivos. Os direitistas tendem a negar cada uma dessas proposições (Giddens, 2007, p. 23).

De acordo com Giddens, a direita, pós Segunda Guerra Mundial e o declínio do fascismo, usou em certa medida a política social baseada no *welfarestate*, mas a situação mudou a partir do início da década de 80, quando do crescimento da ideologia neoliberal e a crise do modelo do comunismo. E muda novamente nos anos 90, com a denominada nova direita caindo na aceitação popular e com o crescimento da nova esquerda ou o ressurgimento da social-democracia. Nesse contexto, a contribuição de Norberto Bobbio tem destaque, visto que traz um debate sobre esquerda e direita, ao passo que,

[...] não é uma questão de polaridade. Um critério que fundamentalmente reaparece continuamente, a distinguir esquerda de direita: atitudes para com a igualdade. A esquerda defende maior igualdade, ao passo que direita vê a sociedade como inevitavelmente hierárquica [...] o que acontece não é que a esquerda deseja dirimir todas as desigualdades, ao passo que a direita quer sempre preservá-las (Giddens, 1999, p. 50).

Embora o sociólogo inglês diga que igualdade ou justiça social está no cerne da clivagem política tradicional, mas existe imperiosidade de uma ação de Estado, de governos e da Sociedade Civil preocupados com esse

valor, o pensador compreende a importância de propostas de governança e de negação do modelo da velha esquerda e direita para conquistar igualdade e solidariedade no mundo de incertezas trazidas pelo neoliberalismo, que tem na nova social-democracia ou centro-esquerda seu maior adversário no campo eleitoral.

E, mais uma vez, o pensador inglês reconhece que no campo político, depois de vários eventos históricos e econômicos, da crise das esquerdas e das direitas tradicionais, com os novos desafios da centro-esquerda – representada pela socialdemocracia – e a implantação do neoliberalismo e seus desdobramentos, a distinção de esquerda e direita segue atual, sendo que “a direita aceita melhor a existência de desigualdades do que a esquerda, e está mais propensa a apoiar os poderosos do que os desprovidos de poder” (Giddens, 1996, p. 284).

Giddens fez um alerta quase profético em que indicava para a falência da direita neoliberal e isso levaria ao fortalecimento da forma extremista de direita antiglobalização, que envolveria o discurso do nacionalismo, do protecionismo cultural, a defesa de valores familiares, a restrição das mulheres no mercado de trabalho e uma política contra os estrangeiros, uma vez que os valores devem ser preservados (Giddens, 2007, p. 41).

Os estudos do sociólogo, como “pai” da Terceira Via, ressaltam a igualdade social como valor de distinção de esquerda-direita, que foi o princípio central de Norberto Bobbio, uma clara demonstração de que a pesquisa do filósofo italiano continua bem atual, embora Giddens elabore proposta de revigoração da atuação da esquerda nas administrações públicas, diante do novo cenário econômico e político, uma vez que a direita também muda para permanecer como contraposição da esquerda.

2.4. Igualdade social e antitotalitarismo-totalitarismo-consumismo - ecossocialismo como abordagens nucleares para distinção esquerda-direita na obra de Ruy Fausto

O professor e filósofo brasileiro Ruy Fausto (1935-2020) publicou nos anos de 2011 a 2012, na Revista Fevereiro⁴, de São Paulo, o texto “Esquerda-direita: à procura dos fundamentos; e reflexões críticas” abordando o tema com o método histórico dialético⁵, com uma avaliação crítica da história da esquerda no mundo – postura que o italiano Norberto Bobbio não aprofundou –, e não somente a construção de conceitos de esquerda e direita, embora recorra à grande contribuição do italiano quando define a esquerda pelo conceito de igualdade social, enquanto a direita busca um caminho oposto.

A partir da Revolução Francesa, segundo o filósofo brasileiro, a igualdade, a liberdade e a não-violência possuem significados importantes para entender a história da esquerda na modernidade e na contemporaneidade. E, axiologicamente, a igualdade, a liberdade e a não-violência constituem valores positivos; por outro lado, a desigualdade, a opressão e a violência destacam-se como acepções maléficas.

Quando Ruy Fausto trabalha o conceito de igualdade e o relaciona ao de liberdade, preconiza que embora a liberdade e a igualdade tenham significados positivos, não são relacionais, visto que nem sempre a liberdade casa com igualdade. Esse é também o entendimento de Bobbio, como cita o filósofo brasileiro, uma vez que “igualdade e liberdade”, do modo como concebe Bobbio, são ideias que têm uma regra lógica distinta. “A igualdade é imediatamente relacional. A liberdade não [...], por isso mesmo, ela não comporta um uso relacional mediato” (Fausto, 2011, p. 38).

O filósofo destaca ainda que a liberdade ao extremo leva ao seu contrário, na medida em que essa liberdade absoluta se torna negação da liberdade, ao mesmo tempo que igualdade absoluta não implica a

⁴ A revista eletrônica Fevereiro foi fundada em 2010 por Ruy Fausto e amigos. Em janeiro de 2018 circulou a sua última edição. No início de 2025, realizei leituras e fiz um esquema do texto “Esquerda-direita: à procura dos fundamentos; e reflexões críticas”, de Ruy Fausto, publicado na fevereiro nos anos de 2011/2012. Porém, no segundo semestre de 2025, a revista ficou fora da internet, sem acesso, o que dificultou a sua configuração na norma da ABNT.

⁵ O método histórico dialético consiste na análise da história a partir das contradições.

intervenção do oposto. Apesar disso, dados históricos demonstram que isso acarreta desigualdade política porque traz opressões sociais, como foi o exemplo do modelo de socialismo real da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS.

No caso da violência, Fausto evidencia, dentro de uma análise dialética e histórica, que existe uma tradição violenta revolucionária e outra não-violenta que é promovida por adeptos da transição gradual do sistema político e econômico. E é possível que a não-violência gere violência:

[...] a não violência, em princípio, não se interverte. Mas, em determinadas condições, levada ao limite, ela se interverte: numa situação de violência “instituída”, em que a contraviolência (que é uma forma, frequentemente legítima, de violência) é a única saída, a não violência implica violência, isto é, se interverte no seu contrário (Fausto, 2011, p. 38).

Esses temas caros aos estudos de Ruy Fausto, como a igualdade, liberdade, violência e o totalitarismo de esquerda do século XX são partes da reflexão do filósofo ao fazer uma relação entre igualdade e liberdade, e o debate envolvendo a violência do período da Revolução Francesa partindo de duas grandes tendências: os revolucionários violentos e os não revolucionários que defendiam uma “transição pacífica e gradual”. E isso acabou influenciando a história das esquerdas nos séculos posteriores.

De acordo com o professor, a Revolução Francesa afirmou duas ideias da sociedade moderna: a igualdade e liberdade, apesar de contradições, e também instituiu o tríptico igualdade/liberdade/violência, que é o ponto de contradições e problemas para entender a esquerda moderna e contemporânea. A revolução que buscava os direitos dos homens com destaque para a igualdade e liberdade.

Porém, em especial, entre os anos de 1793-1794, período denominado de Terror, se deu a negação desses valores de liberdade e igualdade, além de uma violência ilimitada nas formas e no objeto e, em certa medida, em radicalização por igualdades sociais e política. Foi, então, que o Terror surgiu no extremo da defesa da igualdade e, para os revolucionários, a violência era necessária devido à contrarrevolução

armada, um terror resultante de uma negação de igualdade pelos opositores dos revolucionários franceses.

A Revolução Francesa termina com a derrota dos "iguais" se consolidando mais com a liberdade, reduzindo a igualdade diante da lei, possibilitando a influência na segunda revolução denominada de Bolchevique, que usará a força e a violência para conquistar a igualdade. Isso traz uma discussão sobre as ideias de igualdade e violência, no campo político, que influenciou a linha da tradição dos partidários da esquerda.

Como já foi dito, o que se segue será assim, em grande parte um esquema sobre a relação que mantém algumas figuras e projetos de esquerda revolucionária pós 1793 (atravessando o século XIX até o século XX) com o jacobinismo robespierrista e totalitarismo sendo problemática (...) Eu parto do primeiro (grande) fenômeno de "degenerescência", mesmo se efêmera, da revolução, porque ele é um evento (negativamente) fundador. Em seguida, se trata de mostrar, muito esquematicamente, como mesmo a tradição revolucionária, dentro da esquerda, hesitou muito em relação a esse grande evento fundador negativo, até que o bolchevismo o recuperasse plenamente. (Fausto, 2011, p. 41).

O bolchevismo, segundo Fausto, "traz ideais do jacobino-terrorismo, que seria o terror, sem obedecer a leis estabelecidas, posição que não foi aceita por outras tradições de esquerda socialista não-revolucionárias". Dentro de uma abordagem histórica, o objetivo de Fausto é "uma crítica dos meios, como uma crítica dos fins". Ele sustenta que o comunismo quer mudança radical e usa a violência como meio para chegar aos fins que é a comunidade. De outra forma, o socialismo quer mudanças do sistema vigente, mas com manutenção de algumas instituições.

A tese do autor é que "se representamos a esquerda pela ideia de 'igualdade' (...) a igualdade não capitula aí diante de uma violência 'autonomizada', ainda que a utilize como meio. Também a negação da liberdade, negação admitida como meio, não se cristaliza em opressão". (Fausto, 2011, p. 44).

O filósofo ressalta ainda que o bolchevismo “foi a antecâmara do stalinismo”, e nessa tradição de esquerda, em nome da igualdade, se “sacrifica a liberdade e se aceita a violência-terror”. Uma vez que é:

[...] regra, para além dos limites, verdadeiros ou supostos da “violência revolucionária”; trata-se de uma política que se faz em nome da igualdade, mas que muito cedo deixa de ser efetivamente igualitária; a luta pela igualdade é a folha de vinha que tenta esconder e legitimar as limitações à liberdade e as violências de tipo terrorista. (Fausto, 2011, p. 45).

Esse modelo bolchevista vai se espalhando pelos partidos comunistas do mundo, deixando em segundo plano a liberdade e privilegiando a opressão e a violência, contrariando os primeiros movimentos igualitaristas da era moderna, visto que eram libertários, sobretudo, em se tratando da opressão que “vinha de fora”, mas não reconheciam até certo ponto a liberdade como “valor interno”. Os discursos de igualdade e da violência contra os inimigos foram os meios utilizados pelos revolucionários e regime totalitário da esquerda bolchevista.

O autor continua a defender a tese de Bobbio sobre a distinção de esquerda-direita, a partir da igualdade prática, uma vez que é importante e de grande contribuição: não obstante, diz que há também outra distinção entre os totalitários e antitotalitários e que “o surgimento do totalitarismo não elimina a distinção esquerda/direita” (Fausto, 2011, p. 46), em razão de que os totalitários podem ser de esquerda e de direita, com quatro possibilidades, a saber: a esquerda-antitotalitária e a esquerda-totalitária e a direita-antitotalitária e a direita totalitária.

De outro modo, nem sempre autoritarismo de esquerda significou igualdade, e que a igualdade absoluta termina em autoritarismo, como aconteceu no socialismo real. Assim, diante desse cenário ideológico e político, os tipos políticos de Fausto podem ser assim entendidos: “teríamos assim dois eixos, e, portanto, quatro possibilidades ou opções: esquerda totalitária, esquerda democrática, direita totalitária, direita democrática” (Fausto, 2011, p. 47).

Fausto não concorda com a posição de Bobbio no que diz respeito ao “socialismo democrático”, dado que “Bobbio tende a pensar como

democrático, isto é, como antitotalitário [...] ele fala em socialismo liberal – apenas a social-democracia” (Fausto, 2012, p. 55), ou seja, que “as tendências totalitárias aumentam necessariamente com o radicalismo da esquerda, ou que os não-totalitários de esquerda são necessariamente social-democratas”, mas isso não é uma verdade absoluta, porque “há uma congruência entre não-violentos e socialistas, e entre violentos e comunistas”. Então, segundo o professor Fausto, os adversários da violência são os socialistas e o comunismo é ligado ao modelo totalitário.

Em relação ao ramo comunista, o risco era uma natureza robespierrista-terror, e, mais tarde, totalitária (hibris da violência). No dos socialistas era o da adaptação à sociedade capitalista, e aos poderes dominantes [...] como expliquei também, se a deriva robespierrista ou totalitária do comunismo obriga a introduzir uma nova dualidade (para além do par direita/esquerda: precisamente totalitário/não-totalitário), a socialista não constitui propriamente uma nova figura, apesar da complexa histórica do fenômeno e da sua gravidade”. (Fausto, 2012, p. 69).

O professor expõe que a proposta de esquerda e de direita passa pela inclusão de novos discursos e novas ações políticas, em especial, depois de mudar a maneira de pensar o progresso e “as relações entre homem e natureza”, entre os anos de 1940 e 1970, e que trazem a questão ecológica e a sobrevivência da própria espécie humana para o centro do debate político. Ele acentua que a tradição de comunista, socialista e de esquerda, ressaltando o socialista utópico francês Charles Fourier (1772-1837), está longe destes postulados, uma vez que Marx e Engels trataram pouco sobre temas ecológicos nas suas obras, além do discurso teórico sobre conceitos de homem e de natureza (Fausto, 2012, p. 179).

No debate sobre esquerda e direita, após uma análise histórica e dialética da fundação política das duas posições ideológicas opostas, e da tradição deixada pela Revolução Francesa para as esquerdas que se manifestou também pelo totalitarismo e não-totalitarismo, com a concepção ecológica como bandeira possível da esquerda contra o modelo capitalista produtivista que anda afetando a própria espécie humana, o

filósofo brasileiro apresenta as dualidades esquerda/direita, totalitarismo/antitotalitarismo e produtivismo/antiprodutivismo.

Adverte ainda o filósofo brasileiro que os países da Europa, como Hungria, França, Holanda e Áustria, tem o crescimento, nas últimas décadas, considerável de força política do fascismo da extrema-direita. E a força das ideias do totalitarismo-igualitarista, para o autor, também aponta que seria expressivo na China, na Coreia do Norte e em Cuba, mesmo depois do fim da URSS, ou seja:

O totalitarismo recebeu um golpe violento com a decomposição do império dito "soviético" (essa decomposição não foi nenhuma derrota do "socialismo", como pretendem certas almas sinistramente nostálgicas). Mas ele está vivo, de certo modo, e não só, como indiquei, pelo fato de que a esquerda não pode esquecer o delírio genocida a que se entregou sua vertente igualitarista, mas porque - além do caso da China, que combina um quase-totalitarismo ideologicamente "comunista" com um capitalismo desenfreado - existem, na conjuntura atual, correntes práticas ou teóricas totalitárias ou quase-totalitárias (Fausto, 2012, p. 185).

O objetivo de Fausto foi mostrar que a luta pela igualdade, liberdade e o antitotalitarismo foram e são os grandes desafios para a esquerda e que envolve a busca pela igualdade social e a defesa do regime democrático. A inclusão do aspecto ecológico deve ser fruto de reflexão na pauta da esquerda, mas sem extremismo verde. Ele concorda que a distinção entre esquerda e direita, a partir do conceito de igualdade trazida por Norberto Bobbio é fundamental para qualquer ponto de partida quando da análise dessa dicotomia, um avanço à contribuição do italiano para o debate político do final do século XX, embora Fausto estabeleça um quadrado político com quatro possibilidades: esquerda totalitária e esquerda democrática e direita totalitária e direita democrática, resultante de sua reflexão dialética e história, com início na Revolução Francesa.

2.5. Igualdade social e esquerda-direita nas análises do populismo de Chantal Mouffe e do identitarismo de Susam Neiman

A cientista política belga Chantal Mouffe na obra *“Por um populismo de esquerda”*, publicada no Brasil em 2019, trata do enfraquecimento do neoliberalismo – com mais força após a crise econômica de 2008 –, e da crise de identidade dos partidos ligados à social-democracia e ao que o sociólogo inglês Anthony Giddens denominou de Terceira Via, resultando no surgimento de movimentos antissistemas de direita e de esquerda.

A essa nova conjuntura política, a politóloga chamou de momento populista, uma vez que as demandas sociais heterogêneas podem não ser mais definidas por meio de categorias sociológicas situadas nas estruturas tradicionais da sociedade. Outras exigências da pluralidade social passam, também, por temas que envolvem a defesa do meio ambiente, a posição contrária à violência contra a mulher e ao racismo.

Por isso, menciona que a esquerda aproveita a crise do neoliberalismo e essa nova conjuntura do retorno do político para o centro do debate público, a fim de recuperar e aprofundar a democracia a partir do populismo de esquerda, sendo uma estratégia que vai funcionar como um instrumento narrativo, em que o povo se contrapõe aos interesses das oligarquias devido ao papel destacado que terão no populismo, na esquerda e na direita, face ao novo ambiente político e social:

Nos próximos anos, argumento, o eixo central do conflito político estará entre populismo de direita e o populismo de esquerda. E, como resultado, será através da construção de um “povo”, uma vontade coletiva que resulte da mobilização de afetos comuns em defesa da igualdade e da justiça social, que será possível combater as políticas promovidas pelo populismo de direita. (Mouffe, 2019, p. 26).

Embora não seja este o objetivo do nosso estudo, a autora fixa o conceito de populismo dentro de uma perspectiva positiva e concordando com o cientista político Ernesto Laclau⁶, quando diz que é uma estratégia política narrativa em que se divide a sociedade em dois campos de atuações, com apelos aos excluídos contra os que detêm o poder ou estão no poder, mas sem se constituir em uma ideologia, regime político ou um

⁶LACLAU, Ernesto. A Razão Populista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

movimento com programas e diretrizes claras, por isso, é um modo político de diferentes ideologias e estruturas institucionais envolvendo ainda o tempo e o espaço, no qual o povo tem o poder de reconfigurar uma ordem social injusta.

Mouffe reconhece que em ambiente político e social de crise, no qual o discurso antissistema ganha força eleitoral e simpatia da população, a solução igualitária não é prestigiada pela direita populista que usa a narrativa da soberania popular como instrumento reservado aos nacionais os direitos à prosperidade da nação, excluindo outra parcela da população; de outro modo, o populismo de esquerda deve privilegiar os *“valores democráticos da igualdade e a soberania popular [...] com liberdade e igualdade para todos”* (Mouffe, 2019, p. 72).

Do ponto de vista dos valores axiológicos, a belga tenta diferenciar o populismo, enquanto movimento de massa e sem ideologia, das abordagens tradicionais da clivagem esquerda-direita, que estão amparadas na postulação da igualdade e justiça social, mas admite que esses valores são motores fundamentais para construir e mover o populismo de esquerda, uma vez que a dicotomia ainda tem razão de existir, embora a esquerda, no neoliberalismo, no continente Europeu, tenha passado por crise de identidade, logo,

Apesar de todos os argumentos sobre as suas insolências, as metáforas “esquerda” e “direita” ainda continuam, nas sociedades europeias ocidentais, sendo símbolos chaves no discurso político, e não penso que é judicioso abandoná-las. O que é necessário é restaurar a natureza política do confronto e ressignificar o sentido de esquerda. (Mouffe, 2019, p. 129).

Na essência, depois da análise histórica da política, ela define dois tipos de populismo: o de esquerda e o de direita. A distinção estaria no fato de que o populismo de direita defende a desigualdade social e cria uma cultura política popular e econômica com mudanças, não obstante, com exclusão social, em especial com narrativas de nós (nacionais) contra os outros (imigrantes); por lado, o populismo de esquerda se sustenta na igualdade e na justiça social, adicionalmente, estabelece uma cultura

política popular democrática que quer mudanças sociais profundas, mas não do regime político.

Como se constata, a especialista só reforça a distinção entre a díade a partir do valor da igualdade social, mesmo tratando de populismo nos dias atuais, em especial na Europa das últimas décadas, no ambiente democrático, e cita o italiano Norberto Bobbio quando diz que é possível o socialismo dentro de uma estrutura democrática do Estado e da economia e, ainda, na ocasião em que ela escreveu o livro "Sobre o político", de 2016, ao concordar com o italiano da imperatividade da igualdade-desigualdade como valor central, o que reflete uma sociedade com divisão social e em conflito.

A filósofa americana Susam Neiman, na sua pesquisa sobre o movimento identitarista, não cita diretamente o trabalho de Norberto Bobbio, que envolve a díade esquerda-direita e, ainda assim, defende a igualdade, ou a busca dela, que é enfatizada no seu estudo, quando caracteriza a esquerda como portadora do valor universalista diante da direita tribalista.

Com o método filosófico argumentativo e defensora do ideário iluminista, a filósofa no livro "*A esquerda não woke*", de 2023, conduz uma crítica sobre a visão distorcida do cotidiano envolvendo os significados de direita-esquerda, em especial, dentro do movimento *woke*, uma vez que esse movimento se identifica como sendo de esquerda, gerando um erro grave e muito perigoso, pois a direita é quem tem compromisso com o identitarismo, ao passo que a esquerda tem envolvimento com o universalismo, com a distinção firme entre justiça e poder e na crença da possibilidade de progresso, dado que todos são "fundamentais para qualquer ponto de vista de esquerda: Compromisso com o universalismo em detrimento do tribalismo, distinção clara entre justiça e poder, e crença na possibilidade do progresso. Todas essas ideias estão conectadas" (Neiman, 2023, p. 11).

Com relação ao espectro político de direita, a filósofa ressalta que a direita é identitária, na medida em que é conduzida por valores

nacionalistas, tribalistas e racistas, alicerçada em uma visão preconceituosa de supremacia civilizatória que contorna local de nascimento, gênero, raça e o sangue das pessoas. E a guinada à direita é internacional e organizada. De Bangalore a Budapeste, os nacionalistas de direita se reúnem regularmente para se apoiarem e elaborarem estratégias, embora cada tribo considere sua civilização superior.

A solidariedade entre eles, da mesma forma, se baseia na ideia de que os húngaros/noruegueses/judeus, alemães e anglo-saxões são a melhor de todas as tribos possíveis e acabam criando uma conexão apenas com aqueles que pertencem ao seu grupo, negando o universalismo.

O universalismo é o que expressava o significado de ser esquerda, segundo Neiman, dado que se baseia na solidariedade, numa perspectiva global, com preocupações com os oprimidos em todo o mundo, como por exemplo, a luta dos carvoeiros em Gales e pela liberdade na África do Sul, embora sendo eles pertencentes ou não a esses grupos, visto que a união não é pelo local de nascimento dos envolvidos e nem pelo sangue e gênero. A convicção da esquerda está, em primeiro lugar, no fato de que os seres humanos estão conectados, apesar dos aspectos geográficos e históricos; em contrapartida, a direita não privilegia "conexões profundas e só poucas obrigações reais com qualquer pessoa fora de seu próprio círculo tribal" (Neiman, 2023, p. 27).

O identitarismo político é uma posição até enganosa, em razão de admitir que as identidades das pessoas podem ser traduzidas em duas dimensões: étnica e de gênero. Existe no cotidiano da pessoa várias identidades que podem ir mudando conforme o espaço e o tempo, como ser filho, esposo, pai, trabalhador e inúmeras outras identidades no decorrer da vida.

E a esquerda não pode negar o universalismo pela bandeira do identitarismo, como fez a democrata Hillary Clinton que parabenizou a eleição de uma fascista, na Itália, pela sua condição de gênero. Um outro exemplo da contradição levada pelo identitarismo vem de Israel, segundo Neiman (2023), em que políticos direitistas nacionalistas usam o fato

monstruoso do holocausto para ampliar a ocupação de espaços em territórios palestinos e para evitar críticas internas e da comunidade internacional em relação a essa expansão.

Na sua ênfase na defesa da esquerda ao universalismo, em detrimento do tribalismo, a filósofa postula que ser de esquerda é concordar com a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, quando diz que,

Todos os direitos humanos são indivisíveis, sejam eles direitos civis e políticos, assim como o direito à vida, à igualdade perante a lei e à liberdade de expressão; direitos econômicos, sociais e culturais, como o direito ao trabalho, à seguridade social e à educação, ou direitos coletivos, como os direitos ao desenvolvimento e à autodeterminação, são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes. A melhoria de um direito facilita o avanço dos outros. Da mesma forma, a privação de direito afeta negativamente os outros (Neiman, 2023, p. 57).

Os escritos da filósofa americana buscam diferenciar a esquerda, como herdeira do ideário iluminista, do movimento identitário dos dias atuais, dado que ela é universalista nas suas postulações, sendo defensora de igualdades de direitos e sociais, na medida em que a perspectiva da solidariedade e da justiça vai muito além de reafirmar crenças políticas que privilegiam o gênero, o local de nascimento e a cor, preceitos mais identificados com as práticas da direita.

Não é, claro, uma citação direta aos estudos de Bobbio sobre a igualdade social, como elemento de distinção entre esquerda e direita, não obstante, não há negação do valor da igualdade, concepção universal para diferenciar a posição da esquerda e da direita ante a desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate político envolvendo os valores e distinções entre esquerda e direita perpassa o tempo histórico, os territórios, as complexidades sociais, as crises econômicas e as revoluções tecnológicas, depois de dois séculos da Revolução Francesa. Não é tarefa fácil encontrar o significado dessa clivagem e as suas diferenças, apesar de ser objeto de estudos profundos de filósofos, sociólogos, cientistas políticos, da antropologia política e de mover fervorosos debates midiáticos.

O filósofo italiano Norberto Bobbio foi o ponto de partida da nossa pesquisa bibliográfica, visto que situou a igualdade social na essência da distinção dessa díade direita-esquerda, após defender a consistência desse embate nas relações políticas ideológicas - mesmo com a derrocada do socialismo real no Leste Europeu -, e refutar qualquer outra proposta fora da distinção igualdade-desigualdade com destaque no campo social. Com isso, influenciou outros docentes e pensadores no mundo e nos espaços da política, direta ou indiretamente, quando das abordagens do tema em diversas linhas de pesquisa e com a utilização de métodos filosóficos, históricos e sociológicos.

Como aconteceram nas manifestações do cientista político Emir Sader, que realizou uma síntese histórica da distinção política na Europa e no Brasil, percorrendo a história com o viés do materialismo histórico para afirmar que, no plano nacional, esquerda e direita era confronto entre neoliberalismo e igualdade social, sendo a direita representante do neoliberalismo desigual e a esquerda da igualdade social ou, como ele denomina, justiça social; e nos pensamentos do filósofo Ruy Fausto que tratou da tradição autoritária da esquerda e da direita, com duras críticas e com ênfase No *modus operandi* do período jacobino, como também da Revolução Bolchevique e do governo totalitário de Stalin e de outros atuais mandatários autoritários que ainda são ressaltados positivamente por militantes de esquerda. Apesar disso, Ruy Fausto não deixa de concordar

que a igualdade social ou a busca dela é fundamental na distinção dessa dicotomia política, citando, inclusive, a tese de Norberto Bobbio.

O economista Bresser-Pereira retratou o nascimento das novas e velhas esquerda e direita nos países europeus e no Sul Global, como a social-democracia ou o social liberal, no início dos anos 80 e 90 do século XX, bem como o reflexo do esgotamento da esquerda estatista e da direita neoliberal que endeusava o mercado diante das desigualdades sociais, e ele não deixou de incluir o centro da distinção entre nova e velha concepção de esquerda e direita como resultado do movimento histórico e econômico, a igualdade social de Bobbio como melhor distinção naquele contexto social, político e econômico, embora tenha indicado mudanças no modelo de gestão pública diante da nova dinâmica social do mundo capitalista.

O sociólogo inglês Anthony Giddens na formulação teórica e programática da Terceira Via política busca a modernização da esquerda e não rogou a superação da díade. Foi um crítico dos postulados mais autoritários sobre o tema, apesar de desenvolver propostas para uma nova forma de estado, de uma economia criativa, de uma sociedade civil ativa, numa modernidade de mudanças que diminui o trabalho fabril, e utilizou também a temática da desigualdade de Norberto Bobbio como fundamental para definir a clivagem esquerda-direita.

A belga Chantal Mouffe acaba teorizando uma dicotomia populista com valores de direita e de esquerda, embora, a priori, aborde o populismo como um fenômeno de massa, sem ideologia definida, para depois propor um possível populismo de esquerda, a fim de se contrapor ao de direita, e diante dessa contraposição, utiliza o conceito de justiça social ou igualdade social como elemento para distinção dos campos opostos dessa dualidade, carregando na abordagem de Bobbio o valor que distingue esquerda-direita.

Indiretamente, a filósofa Susan Neiman expõe a dicotomia tradicional por meio de pesquisa sobre o movimento identitário dos Estados Unidos da América – EUA, e acusa esse identitarismo como sendo primazia da direita que destaca o local de nascimento, a cor e o gênero como instrumentos de narrativas políticas para dominação, colocando o fenômeno *woke* como

contraposição dos postulados históricos iluministas da esquerda, já que o identitarismo abandona a solidariedade universalista para reforçar o tribalismo, a cor e o gênero. E, na medida em que a filósofa avança nos seus estudos, aponta que o caminho da esquerda é o da defesa da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas como forma de busca da igualdade e da universalidade de direitos entre os seres humanos, ressaltando que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Conclui-se, então, que igualdade social para a distinção entre esquerda e direita ainda sobrevive, mesmo no século XXI, com todas as mudanças nas regras eleitorais e partidárias, com a internet, com a revolução tecnológica, com novas formas de trabalho, com inovadores modelos de comunicação e de crescente crítica ao regime democrático, uma vez que, onde existir desigualdade haverá sempre dois polos contrários, não somente como ideário, mas também como ação e organização política.

Não é uma posição de demonização de um espectro político e o endeusamento do seu oposto. Na filosofia, na ciência política, na sociologia política e nos debates públicos, pensadores renomados e ativistas sociais defendem que os homens nascem desiguais e a história, a prática e a pluralidade do mundo demonstram que é aceitável a existência de sociedades movidas por hierarquias e por classes, uma vez que vivemos com diferenças entre os indivíduos, rejeitando qualquer utopia ou proposta que seja irrealizável, dando enfoque mais nos aspectos que diferenciam os seres humanos, tratando-os como perfeitamente aceitáveis.

Em um outro plano, pensadores e militantes sociais defendem que naturalmente os homens não nascem iguais, nem é possível uma igualdade biológica em um mundo diverso e plural, mas as relações sociais criam desigualdades artificiais, sendo, então, plenamente necessária e realizável a busca por uma igualdade social, pois a negação disso é inaceitável.

Os campos estão postos. E há dois séculos disputam mentes e corações como resultado das concepções humanas sobre a vida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **A Nova Esquerda**: Uma Visão a Partir do Sul. Filosofia e Política, Porto Alegre, v. 6, p. 144-178, 2000.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O paradoxo da esquerda no Brasil**. Novos estudos – CEBRAP. Nº 74 (2006), pp. 25-45. Disponível em <https://www.scielo.br/j/nec/a/CfL4dNDJTGmPcFtTWzHDkqs/?format=html&lang=pt#>. Acesso 11.07.2025.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

BOYLE, David. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. tradução: Débora Landsberg. Rio de Janeiro, RJ : Zahar, 2006.

CASTAÑEDA, Jorge G. **Utopia desarmada**: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COFRANCESCO, Dino. **Destra/Sinistra. Se cade los spartiacque**, in Il Secolo XIX, 14 de agosto de 1990.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. 3. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

FAUSTO, R. **Esquerda/Direita: Em busca dos fundamentos, e reflexões críticas**. Revista Fevereiro: Política, Teoria, Cultura n. 3 e 4, junho de 2011. P.36-56; e janeiro de 2012. P. 55-77. Obs. A fonte não está mais acessível na internet.

FOLSCHEID, Dominique. **Metodologia Filosófica**. Dominique Folscheid e Jean-Jacques Wunenburge. Tradução: Paulo Neves. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALEOTTI, Elisabetta. L'opposizione destra-sinistra. Riflessionianalitiche. In: FERRARESI, Franco. La Destra Radicale. Itália: Feltrinelli, 1984.

GIDDENS, A. **O debate global sobre a terceira via**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. **Para além da esquerda e da direita**: o futuro da política radical. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

_____. **A terceira via**. tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges. Brasília/DF. Instituto Teotônio Vilela, 1999.

GOMES, Dias. **Derrocada**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. Tradução: Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Voneta, 2019.

Laponce, J. A. **Left and Right**: The Topography of Political Perceptions, Toronto, University of Toronto Press. 1981.

LACLAU, Ernesto. A Razão Populista. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Mouffe, Chantal. **Por um Populismo de Esquerda**. Tradução: Daniel de Mendonça. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. 1. ed. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NEIMAN, Susan. **A esquerda não é woke**. Tradução: Rodrigo Coppe Caldeira. Belo Horizonte. Editora Âyinè, 2023.

NIZET, Jean. **A sociologia de Anthony Giddens**. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

REVELLI, Marco. **Destra e sinistra: l'identità introvabile**. Itália, 1990.

RUSS, Jacqueline. **Os métodos em filosofia**. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2010.

SADER, Emir. **O anjo Torto**: esquerda (e direita) no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Como ler um texto de filosofia. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2019.

SOLANO, Esther et al. Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. 1 edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TRAUMANN, Thomas; NUNES, Felipe. **Biografia do abismo**: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

THOMPSON, John B. O **escândalo político**: poder e visibilidade na era da mídia. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.